Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

ANO I • SÁBADO, 25 DE MAIO DE 1957 • N.º 9

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ◆ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ◆ DELEGAÇÃO EM LISBOA – TELEFONE 31839 ◆ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 – VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO – TELEFONE 254 ◆ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL – V. R. S. ANTÓNIO

Em Faro, é inaugurado na terça-feira o palácio da Junta de Província do Algarve, imóvel de boa traça arquitectónica, que muito valorizará a nossa capital. O melhoramento deve-se à persistência e ao esforço do nosso prezado amigo, sr. dr. José Correia do Nascimento, que preside há anos àquele organismo.

No novo edifício funcionarão todas as repartições da Junta de Província e no rés-do-chão ficará instalada a biblioteca provincial.

Vantagem da industrialização DO ALGARVE

SEGUIU-SE, em nosso modesto entender, um critério pouco certo ao permitir-se a grande concentração industrial que há em Lisboa e suas imediações. Contra este critério têm-se insurgido, por mais de uma vez, alguns senhores deputados, mostrando os inconvenientes de vária ordem que tal concentração representa. O protesto surgiu, porém, tardiamente, quando o erro já estava praticado. É erro grave é ele e do qual extemporâneamente, acreditamos, os governantes se deram conta. Estes, em dado momento, viram-se perante o facto consumado e quando já era impossível remediá-lo.

Desta concentração resultam muitos inconvenientes, e aqui vão alguns que vislumbramos: excessivo ajuntamento de pessoal operário; consequentemente, contacto íntimo entre volumosa massa de homens; aglomerado do potencial fabril da Nação exposto, por consequência, a aniquilamento fulminante, na hipótese, na qual o nosso optimismo não acredita, de um conflito armado; concentração humana que provoca embaraços nos transportes e nível elevado do custo de vida; dificuldades de abastecimento (em casos de perturbações de ordem pública ou conflito armado) de unidades industriais localizadas numa zona restrita, e empobrecimento dos recursos humanos da província pela atracção aos centros de trabalho que parecem oferecer maiores possibilidades de sobrevivência, o que em muitos casos não passa de miragem, que a realidade desfaz em fumo de desengano.

Não deve ter sido alheia ao fenómeno da concentração a circunstância de alguns senhores directores de indústrias ou seus representantes considerarem que a sua comodidade está acima dos interesses da Nação. Não há dúvida de que para muitos é confortável viver em Lisboa. Há teatros, há cinemas luxuosos, há mulheres bonitas e acessíveis, a pouca vergonha não dá tanto nas vistas, vai-se até ao Estoril espairecer e tomar um «drink»; enfim, vida mundana, luxuosa e, em certos casos, devassa, que não se pode praticar fora do âmbito de uma grande cidade. Daí, que quando se fale na província para fixar lar e vida, muitos franzam o cenho e optem pelo pior, não

Conclui na 4.ª página

Entrega de milho e centeio à F.N.P.T.

Termina na quinta-feira o prazo para entrega do milho e centeio nos celeiros da F. N. P. T.

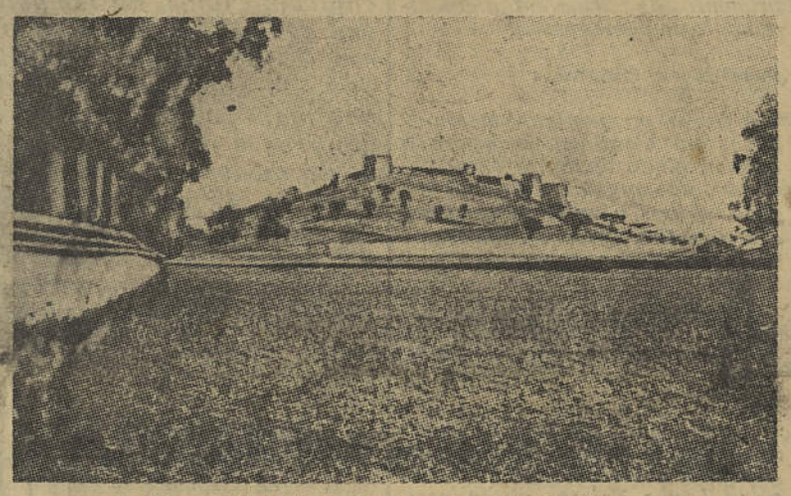
Mais barras ASSOREADAS

ALÉM da barra da Fuseta, a que já nos referimos, voltou a assorear, confirmando assim, e infelizmente, a tendência que sempre acusou, a barra de Faro-Olhão, a qual, apesar de ter sofrido dragagem há um ano, perdeu em poucas semanas seis pés de profundidade. O facto não prejudica, felizmente, os barcos de pesca.

Também a barra de Tavira, onde há anos o Tesouro Público dispendeu alguns milhares de contos, se encontra assoreada.

As caprichosas e desnorteantes correntes marítimas da costa algarvia, influenciadas pelos ventos nefastos que sopram durante parte do ano, perturbam todos os cálculos e esperanças dos técnicos, e para remediar este mal só vemos uma solução: ou curvamo-nos perante os hábitos imutáveis e inexoráveis da Natureza, aproveitando um pouco do que ela nos cede em matéria portuária, ou então compelimos o Estado a escriturar anualmente no seu orçamento, como o faz para os vários departamentos públicos, uma verba avultada para desentupir as barras algarvias.

Ou se faz isso — porque não se pode passar a vida em tentativas e experiências goradas, que já custaram muitas dezenas de milhares de contos — ou deixa-se ao mar o encargo de ir ampliando o território algarvio, como o vem fazendo há muitos milhões de anos.



Perspectiva do majestoso castelo de Silves

A CIDADE DE SILVES
Da decadência AO RESSURGIMENTO

por JULIÃO QUINTINHA

HÁ uma vaga poesia nas cidades mortas, e esse encanto o possui Silves, em certas horas. Por exemplo, ao pôr do sol, quando o oiro-púrpura do poente dá o último adeus às serranias e ao formoso vale que vem desde Messines e corre a espreguiçar-se pelas margens do Arade, quase até Portimão; ou no silêncio da madrugada, quando o luar afaga o humilde casario e reveste de tapeçarias prateadas o castelo e suas ruínas. Na lembrança acordam, então, rumores que vêm de muito longe, e visionamos pálidos e inofensivos fantasmas, que vão deixando em nossos ouvidos a saborosa balada das coisas idas e amadas...

Desse sabor antigo me acodem agora aos sentidos sensações e imagens. Recordo o tempo em que, pequeno ainda, à noitinha, pela mão de minha mãe, ia passear, e o som de bronze daquele sino grande da catedral ia rolando, plangentemente, Ave-Marias pela várzea imensa, ao palpitar das primeiras estrelas; e o prazer que me dava, ao voltar de Ferragudo, na curva do rio, ver de longe a cidadela ruiva a coroar, num fantástico fulgor, a cidade moirisca, qual visão de maravilhosa gravura evocativa de tempos medievais.

A ronda do passado sobressalta de saudades o coração dos velhos. Mas o progresso tem os seus direitos e os povos alimentam-se de realidades, carecendo de renovações e outras coisas mais, para além das seduções da poesia...

* * *

Falei, num artigo anterior, na grandeza e decadência de Silves. Alegro-me por poder demonstrar que a velha cidade não se quedou decadente e, através do tempo, resistindo a crises periódicas, enfrentando dificuldades, sempre tem vindo a sonhar e a trabalhar pelo seu ressurgimento, embora vagarosamente.

Conclui na 3.ª página

ALGARVIOS QUE FORAM SOLDADOS na Índia no século XVI

DA valiosa obra recentemente publicada pelo sr. Rogério de Figueiroa Rêgo, intitulada «Soldados da Índia» século XVI, farrageamos os seguintes nomes de algarvios naturais das localidades que se mencionam: *Estômbar* — Fernão Roiz Neto, escudeiro, de 23 anos, filho de Duarte Neto e Branca Roiz, partiu em 1550. *Faro* — Álvaro de Caminha, escudeiro, de 23 anos, filho de Aires Gonçalves de Seixas e de Constança Docem, embarcou em 1537 na nau «Raínha»; Duarte de Tovar, escudeiro, de 40 anos, marido de Maria Soares, embarcou em 1553 na nau «Ascenção»; Pedro Mendes, de 20 anos, filho de João Franco e Leonor Mendes, embarcou em 1534. *Lagos* — Bartolomeu Vaz, filho de Vasco Fernandes e Maria Belo, embarcou em 1537 na nau «Santa Catarina»; Fernão Mascarenhas, escudeiro, de 19 anos, filho de João Chamorro e de Maria de Andrade, embarcou em 1553 na nau «Loreto»; Gil Fernandes Godinho, escudeiro, de 20 anos, filho de Rui Dias Simões e de Catarina Godinho, embarcou em 1558 na nau «Raínha»; Manuel Mendes de Azevedo, filho de Vicente Lourenço Batavias e de Violante de Azevedo, partiu em 1538 e morreu em 25 de Agosto de 1542; Vicente Simões, filho de Pedro Chamorro e de Brites Vaz, embarcou em 1536 e morreu em 1543. *Loulé* — Diogo Mascarenhas, escudeiro, de 20 anos, filho de Tristão Mascarenhas e de Júlia Ribeiro,

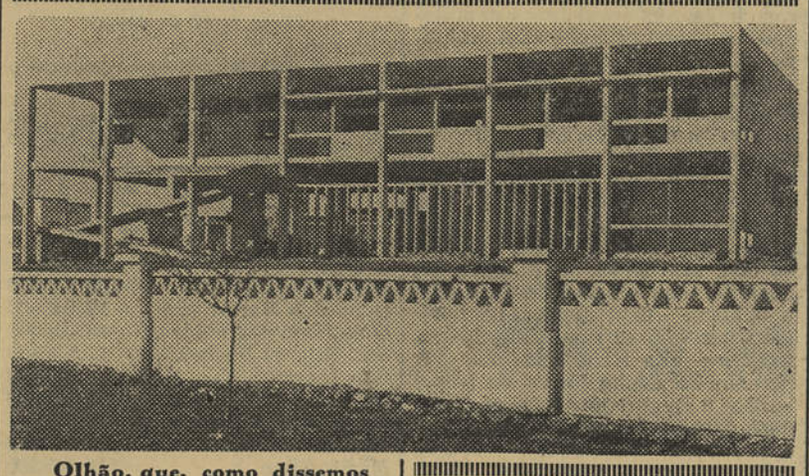
Conclui na 3.ª página

O NAVEGADOR SOLITÁRIO
declarou-se encantado COM O ALGARVE

COMO noticiámos, esteve no nosso porto, no seu pequeno iate «Mary Hillier», o navegador solitário inglês, G. E. Blackburn. Ouvimo-lo acerca do nosso País e do Algarve, e eis as suas declarações:

«De todos os sítios por onde tenho passado, um dos que mais me agradaram, não só pelas suas belezas naturais, mas também pela excelência do seu clima, foi Cascais. Ali estive bastantes dias, que aproveitei para, por terra, visitar outros pontos do País, onde tive ocasião de verificar o franco progresso que está a atravessar, sobretudo no que respeita ao aproveitamento hidroeléctrico. No Algarve, fiquei encantado com a baía de Lagos e Praia da Rocha, que julgo ser um dos pontos mais notáveis, no que respeita a interesse turístico. Vila Real de Santo António, onde já estive de passagem, sem ter tido ocasião de a visitar, seduziu-me bastante pelo aspecto simétrico, asseado e arejado das suas ruas, pelo gosto das suas decorações — Jardins e passeios da Avenida da República, e rua dos mosaicos (como chamou à Rua dr. Teófilo Braga) e Praça Marquês de Pombal, com os seus candeeiros, que lhe dão estilo e personalidade».

E a terminar, acrescentou: «A barra está esplêndidamente sinalizada e, desde que se utilize uma carta náutica, é muito simples o seu acesso. O mesmo poderei dizer de todos os pontos do País, excepto Faro, que não tenho o prazer de conhecer, mas que muito brevemente visitarei. Sòmente uma crítica se me impõe, e é no que respeita à falta de sinalização, tanto nas cartas náuticas como nos próprios locais, das armações de atum, em especial à noite, tendo provocado já, não só em Portugal como em Espanha e Norte de África, o encalhe de algumas embarcações, entre elas a minha, com prejuízos avultados para ambas as partes».



Olhão, que, como dissemos no passado número do JORNAL DO ALGARVE, está a ser dotada com melhoramentos que a aformoseiam, vai inaugurar na terça-feira o seu Centro Social Polivalente, obra que trará grandes benefícios às mães e às crianças filhas de trabalhadores, que bem precisam de carinho e amparo. Congratulamo-nos com o progresso de Olhão, sobretudo quando esse progresso tende a reflectir-se directamente nas classes mais desprotegidas da laboriosa vila.

VAQUEIROS
PRECISA DE QUE SE CONCLUA A SUA ESTRADA

VAQUEIROS — Esta aldeia, sede de uma das cinco freguesias do concelho de Alcoutim, é a mais distante da vila e a mais montanhosa. A maior parte dos lugares ou montes de que se compõe a freguesia ficam no outro lado da ribeira de Odeleite, que no Inverno estorva a passagem, às vezes durante dias.

A aldeia, situada em terreno elevado, dispõe de um caminho por onde transitam, com dificuldade, os carros de tracção animal e as camionetas, pois a estrada está por concluir, faltando uns dois quilómetros para chegar até aqui. As ruas da povoação estão transformadas num autêntico pedregal. Há anos, esteve aqui um engenheiro a levantar o projecto de empedramento, mas nada se fez.

A única manifestação de progresso que por aqui tem havido foi a instalação do telefone, o qual, embora não deva ter muito que fazer, porque a freguesia é de pouco comércio, é sempre um recurso muito útil. — *J. M. N.*

CONSÓRCIO ÍTALO-MARROQUINO de pesca

O JORNAL «Le Marin», transcrito pelo «Jornal do Pescador», insere a seguinte local, que merece a pena ser ponderada pelos nossos armadores, especialmente os do Algarve, e pelos nossos industriais de conservas:

O sultão de Marrocos fez há algum tempo uma viagem à Itália com objectivos de ordem económica e financeira e consta que teria procurado interessar a indústria e a finança deste país na valorização dos recursos de Marrocos.

Das suas diligências nasceu a ideia de se formar um consórcio ítalo-marroquino de pesca, o qual organizaria de maneira racional esta indústria e as indústrias correlativas.

O soberano respondeu que esta proposta lhe merecia toda a consideração e, desde que ela fosse feita oficialmente pelos armadores e pelos industriais de conservas, não duvidava dos resultados interessantes que se poderiam obter e que os pescadores italianos seriam benvindos ao seu país.

Salientemos, pois, o interesse que o Sultão liga ao futuro desenvolvimento da indústria de pesca marroquina, cuja produção poderia ser de, pelo menos, trezentas mil toneladas por ano.

Visado pela delegação de Censura

JOÃO LÚCIO
visto pelos poetas ALGARVIOS DO SEU TEMPO

A RECENTE leitura de um formoso artigo do insigne escritor e jornalista dr. Augusto de Castro, evocando o falecimento do grande poeta, advogado e tribuno algarvio, João Lúcio, em 27 de Outubro de 1918, apenas com 38 anos de idade, vítima da epidemia que então grassou no País, trouxe-me à lembrança, na grata saudade de um efémero convívio espiritual, quanto seria interessante e útil a publicação de uma síntese antológica representativa de todos os reais valores da poesia algarvia, desde Shelbiyya e Ibn-Amar, astros da literatura árabe no período áureo de Silves, até João de Deus, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, Coelho de Carvalho, Júlio Dantas, Emiliano da Costa e tantos mais.

E' que, na verdade, a poesia de uma época, de uma geração ou de um povo é o melhor índice da sua expressão mental.

Vida em que inteiramente falte é como flor sem perfume ou corpo sem alma. Foi para ela que Deus fez a Primavera e tudo quanto é generoso, nobre, criador e eterno...

Bem andaram, por isso, os que em 1921 lançaram a ideia de se erigir em Olhão, terra natal de João Lúcio, um monumento em sua memória, construído com o produto da venda de um pequeno livrinho de exaltação das qualidades do Poeta, exclusivamente colaborado por poetas algarvios.

JOÃO LÚCIO
Orador

Escreveu o eminente académico dr. Júlio Dantas, na primeira página desse carinhoso documentário:

«Para quem, como eu, se orgulha de ter nascido no Algarve, é sempre um motivo de desvanecimento poder exaltar as glórias da sua província, — Hélade doirada de vinhedos e beijada pelo mar, a que nem mesmo falta a voz sagrada dos poetas. João Lúcio, a cuja memória gentil é dedicado este pequeno livro — foi, no seu duplo aspecto de orador veemente e de lírico imaginoso, uma das expressões mais belas e mais perfei-

Conclui na 4.ª página

A saúde
é a maior riqueza

CANSAÇO VISUAL

A iluminação conveniente é imprescindível à boa visão. A má iluminação origina numerosos defeitos da vista e é responsável pela incapacidade progressiva para as actividades manuais ou intelectuais.

Evite o cansaço visual e, consequentemente, certos acidentes de trabalho, procurando realizar os seus afazeres em ambientes convenientemente iluminados.

25 MAIO 1957

APONTAMENTOS BARROCOS?

de CASIMIRO DE BRITO

13 — Da Arte

Ainda não encontrei a minha definição para a palavra Arte. *O dicionário mente, quando a define como:* conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa.

...Nem a Arte obedece a conjuntos de preceitos *quaisquer, nem existe ou nos aparece na* execução de uma vaga qualquer coisa.

A Arte é espontânea, bela, inexplicável na sua essência.

É a correspondência feliz a um período de elevação no homem. Porque a Arte não é um instrumento dos homens. Os artistas verdadeiros, sim, são como instrumentos da Arte, desta magnífica chama interior a multiplicar-se em beleza e a subjugar-lhes o comum humano *que existe em todos eles.*

A Arte deve receber-se, ou melhor, encarar-se como um dogma — algo que se não discute, ainda que se não compreenda totalmente.

A Arte e o Homem: dois elementos onde ainda reina o poderosismo da incognoscibilidade...

Talvez por isso mesmo, Miguel Torga afirma, numa das belas páginas do seu Diário: os homens são como as obras de arte: é preciso que se não entenda tudo deles duma só vez...

E sem conhecimento total, não há, não pode haver definição possível.

14 — Divagando...

Pouco a pouco, a integração no ambiente vai progredindo.

E' - se assimilado pela natureza, sem possibilidade de explicação. Sem concretização possível. Sente-se a invasão no espírito e no corpo pela Beleza, por uma beleza que aos olhos comuns (são comuns todos os olhos na maior parte do tempo da sua actuação como receptores de imagens) não é mais do que uma lista, mais ou menos extensa, de substantivos, adjectivos, verbos: o plátano cansado, o banco vermelho, a criança que passa, o ardor do sol, o livro esquecido...

No meio de tudo isto, de toda esta beleza extraída nos felizes momentos de divagação, talvez se pense na obra sublime do poeta naturalista Garcia Lorca. Foi com os plátanos dos bosques, com las margaritas del prado verde, *com* las niñas de sol y nieve, *com* la plata de las fuentes, *que Federico criou o seu manancial de Beleza e de Amor. De Poesia, em suma.*

Porque Federico não via a água na água, nem o sol no sol, nem o céu no céu... Ou porque os via à sua maneira, com os seus olhos límpidos de Poeta...

São indefiníveis os momentos como este em que se sente... em que se sente que é bom sentir-se assim. Em que se não procuram explicações, porque o êxtase é alérgico a explicações. Resumindo: em que se sente que viver é belo, afinal belo na verdade...

É então que quem conhece Fernando Pessoa se lembra daqueles versos maravilhosos que dizem assim:

...sentir é como o céu
Vê-se, mas não há que ver.»

É então que os pensamentos entram na contenda. E o que nos parecia belo, por não lhe procurarmos a explicação, nos parece infinitamente mais belo, mais estranhamente belo, por não lhe encontrarmos explicação...

15 — Desumanidade

Desumanidade!

Eis uma palavra que não aceito. Que não percebo, pelo menos. Porque TUDO o que for feito ou pensado pelo HOMEM será, pela força da lógica, apenas e simplesmente HUMANO...

Animatógrafo

A PESCA

Toca a sineta da lota,
vem entrando a nossa frota;
cheira a pexie!
Há biqueirão, há sardinha
(que a fartura não nos deixe!)
um salgado, outra fresquinha.

O esquivo biqueirão
sai de ignota região,
dá canseira;
a sardinha é cá da costa
e assada, à velha maneira,
mesmo magra, não desgosta...

Maio abriu, com galhardia,
a quadra da pescaria,
traz-nos vida!
Do atum, prato famoso,
começa também a lida;
o mês segue generoso!

Por vezes, nota-se imenso
esquisito contra-senso
no atum:
estão as fábricas repletas,
e no mercado nem um,
só esquálidas espinhetas...

Se isto pressupõe marasmo,
surja algum entusiasmo,
haja alento!
Mas conta com os «pracistas»
e seus duzentos por cento
a todos dando nas vistas...

OPERANTE

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Fernando Queiroga Palácios

Vindo de Aiamonte, passou por esta vila, a caminho de Lisboa e Fátima, S. E. o cardial-arcebispo de Santiago de Compostela, sr. dr. Fernando Queiroga Palácios.

O eminente prelado recebeu cumprimentos de várias entidades espanholas e portuguesas.

Partidas e Chegadas

A fim de gozar alguns meses de férias no Continente, chegou a Lisboa, vindo da Beira (Moçambique), acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso conterrâneo e assinante sr. Álvaro Pina Duarte, funcionário superior da «Sena Sugar».

= Foram a Sevilha os nossos assinantes srs. dr. Alonso Vasques, Jacinto Rodrigues e esposa, e D. Maria das Dores Cumbrera Tenório.

= Seguiu para Madrid, em gozo de férias, o agente consular de Espanha, nesta vila, sr. D. Francisco López Tejero, nosso assinante.

= Acompanhado de sua esposa, esteve alguns dias na Pousada de S. Brás de Alportel o nosso assinante em Lisboa sr. Germano José de Salles.

= Foi a Madrid e Barcelona, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. Vicente Rodrigues Peral, proprietário das «Caves do Guadiana, nesta vila.

= Foram a Lisboa os nossos amigos srs. Luís Gonçalves Camarada, gerente do Banco Português do Atlântico, nesta vila, e António Pinheiro Júnior.

= Vimos nesta vila o sr. D. Narciso Martín Navarro, «alcalde» da vizinha cidade espanhola de Aiamonte.

= Também vimos nesta vila os nossos conterrâneos srs. Francisco Ribeiro Modesto, Manuel António Caldeira, Sérgio Anica e Isaurindo Branquinho, nossos assinantes em Olhão, Lisboa e Faro, respectivamente.

= Encontra-se nesta vila o sr. Joaquim Madeira Caracol, nosso assinante em Portimão.

= Estiveram nesta vila os nossos assinantes srs. João Baptista Brito, de Lisboa, e Fernando Martins Lázaro, de Tavira.

= Regressou de Lagos, onde gozou as suas férias, o nosso amigo sr. Vital Viana da Costa, tesoureiro do Banco Português do Atlântico, nesta vila.

= Esteve nesta vila, aonde veio propositadamente para seguir na automotora que inaugurou a carreira rápida de Vila Real de Santo António-Lisboa, o sr. Víctor Rodrigues Adragão, agente-técnico de engenharia e nosso assinante no Barreiro.

= Seguiu também na mesma automotora, como convidado, o sr. José Víctor Adragão, presidente da Câmara Municipal desta vila, acompanhado de sua esposa.

= A retomar a sua actividade industrial nesta vila, regressou de Lisboa o nosso amigo sr. João da Silva Nascimento.

= Vimos nesta vila o nosso assinante em Olhão, sr. M. Rodrigues Pereira, e o sr. António Baptista Brito, de Lisboa.

= Esteve alguns dias nesta vila o nosso conterrâneo sr. Francisco Viegas, técnico de conservas de peixe, em Lisboa.

= Acompanhado de sua família, encontra-se na sua fazenda do Cré, na Fuseta, onde passará uma temporada, o nosso assinante em Faro, sr. José Francisco Lã.

= De visita a sua família, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Alberto Russiano Tristani.

= Esteve nesta vila o sr. Humberto Martins, técnico de artes gráficas e nosso assinante em Lisboa.

Gente nova

Teve o seu bom sucesso em Madrid, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso assinante sr. D. Francisco López Tejero.

= Com muita felicidade, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Mireia de Brito Horta, esposa do nosso amigo sr. António Gomes Horta.

As nossas felicitações.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia *Silva*, Rua Miguel Bombarda, telefone 64.

Prédios

Vendem-se dois, em Olhão, e terras anexas, ou precisa-se 30 contos s/ hipoteca. Dirigir a João Palma — Cuba.

ECONOMIA

NA ÉPOCA DE DIREITO DE HÁ 50 ANOS foram vendidos na nossa lota 20.764 peixes

A TÍTULO de curiosidade e para que se veja quanto tem decaído a pesca do atum na nossa costa, vamos dar o número de peixes capturados pelas armações há cinquenta anos, na temporada de Direito que se estendeu de 9 de Maio a 30 de Junho. Atuns, 16.250; atuarros, 3.382; albacoras, 248; cachorretas, 219 e corvinas, 665, no valor total de 146.972$843 réis. A armação que mais pescou foi a do Ramalhete (3.681 atuns, 944 atuarros e 30 albacoras), seguida da do Medo Branco. A de menor rendimento foi a de Bias (288 atuns, 102 atuarros, 17 albacoras, 45 cachorretas e 20 corvinas). Ao tempo, lançavam na costa algarvia treze armações, das quais restam apenas cinco.

Na mesma temporada, as armações das costas de Huelva e Cádis capturaram 66.330 peixes.

A importação de cortiças pelos americanos Nos dois últimos anos, a América do Sul importou de Portugal e de Espanha as seguintes quantidades de cortiça:

Desperdícios, aparas e refugo: Portugal, 49.420 toneladas, com o valor de 8.846.000 dólares, em 1955, contra 32.300 toneladas e 6.022.000 dólares, em 1956; Espanha, 19.964 toneladas e 2.985 mil dólares, em 1955, contra 12.635 toneladas e 2.040 mil dólares, em 1956.

Cortiça em prancha e virgem: Portugal, 10.420 toneladas e 342.000 dólares, em 1955, contra 16.072 toneladas e 396.000 dólares em 1956; Espanha, 35.996 toneladas e 559.000 dólares, em 1955, contra 19.634 toneladas e 327.000 dólares, em 1956.

Rolhas: Portugal, 704 toneladas e 1.550.000 dólares, em 1955, contra 450 toneladas e 1.292.000 dólares, em 1956; Espanha, 164 toneladas e 549.000 dólares, em 1955, contra 174 toneladas e 539.000 dólares, em 1956.

Placas e pranchas isoladoras: Portugal, 1.138.000 dólares, em 1955, contra 992.000 dólares, em 1956; Espanha, 118.000 dólares, em 1955, contra 116.000 dólares, em 1956.

Em 1955, o total das nossas exportações para os Estados Unidos ascendeu a 12.302.000 dólares, tendo descido o ano passado para 9.202.000. Por sua, vez a Espanha viu descer as suas exportações para o mesmo país de 4.921.000 dólares, em 1955, para 3.010.000, o ano findo.

Cuidado com os adubos químicos em solos argilosos!

Os agrónomos alemães verificaram que os terrenos argilosos absorvem os elementos nutritivos dos adubos químicos em seu proveito e em detrimento dos vegetais a que são destinados.

O professor Schroeder, director do Instituto de Geonomia da Faculdade de Agronomia da Universidade de Kiel, foi um dos primeiros a assinalar este facto e, mediante processos nucleares, os sábios procuram elucidar este fenómeno. Os minerais que o solo contém aliam-se especialmente ao potássio por uma troca de iões. Estes minerais são difíceis de identificar ao microscópio e geralmente não podem ser determinados senão por meio da radioscopia. Trata-se, verosimilmente, dos metais chamados «illites».

O Laboratório dos Isótopos de Kiel prossegue nas suas experiências por meio de potássio ràdioactivo, fornecido pelo centro de pesquizas atómicas de Harwel (Inglaterra) e transportado por avião, em virtude da curta duração da ràdioactividade do K 42. Num terreno assim tornado ràdioactivo, cultivam-se plantas de ensaio a pronta reacção, as quais «bebem», juntamente com a água do solo, o potássio ràdioactivo. A comparação da quantidade de adubo utilizada e da substância encontrada nas plantas de ensaio mostra em que proporção a terra «reteve» o adubo. Tais estudos poderiam abrir novas perspectivas quanto à fertilização do solo.

Produção de milho Até 22 do mês passado, tinham entrado nos celeiros da F. N. P. T. 52.480 toneladas de milho, das quais 11.593 do Algarve. A província que até agora mais entregou aos celeiros foi o Minho (13.027 toneladas), vindo em segundo lugar o Algarve.

Diversas No ano passado, a Holanda exportou 91.500 toneladas de queijo, figurando assim em primeiro lugar entre os países exportadores deste produto. Exportou também 31.700 toneladas de manteiga, ocupando o quarto lugar depois da Nova Zelândia, Dinamarca e Austrália.

— A Colômbia importou, o ano passado, sardinhas e outros peixes em conserva, no valor de 998.585 pesos, correspondentes a 817.499 quilos.

— Em meados do próximo ano, deve entrar em funcionamento a fábrica de automóveis Citroën, que vai ser construída na zona franca do porto de Vigo.

— As exportações italianas para a Alemanha Ocidental aumentaram de 145,7 biliões, de liras, em 1955, para 179,9 biliões em 1956. As exportações passaram de 214,7 biliões para 247,3 biliões de liras.

Alterações de horários que causam prejuízos

PESSOAS prejudicadas com a recente alteração dos horários do caminho de ferro enviaram-nos um memorial a apontar os inconvenientes de tal alteração. Eis o seu texto:

Automotora 9721 — (Faro-Tavira) — Esta automotora, saída de Faro às 7 e 35, prejudica imenso o pessoal de carteira, professorado e comércio de Olhão, Fuseta e Tavira — todo ele, quase, munido de assinaturas, posto que os passageiros chegam às localidades com demasiada antecedência, com prejuízo evidente das suas vidas.

Comboio 9271 — (Tavira - Vila Real de Santo António) — A mudança dos passageiros, em Tavira, da automotora 9721 para o recoveiro 9271 constitui um absurdo, pois não se responsabilizando a C. P. por falta de enlaces, paragens fora das gares, falta de comodidade e podendo até suprimí-lo, se o entender, constitui uma desatenção para com o público. Além disso, este comboio serve o turismo estrangeiro, fronteira Vila Real-Aiamonte, que fica sujeito ao incómodo de transbordos e de carregar com as bagagens da estação de Vila Real até ao apeadeiro do Guadiana.

Por seu turno, a automotora 9723, chegando ao apeadeiro do Guadiana às 10 e 50, não resolve o assunto do tráfego internacional, a 10 minutos da partida da carreira fluvial para Aiamonte, sabido como é que 10 minutos leva o turista a desembarcar e a dirigir-se à Polícia Internacional, apor visto nos passaportes, sem falar das praxes alfandegárias.

Pretensão: — Automotora 9721 — a) chegando a Faro, como está, a bem dos horários dos estudantes liceais, do comércio e da indústria, o que é humaníssimo; b) seguimento da automotora 9721 a Olhão pelo desdobramento da automotora 9229, posto que esta é insuficiente para o número de estudantes da vila cubista; c) partindo depois de Faro, às 8 e 40 (como estava) com o seguimento ao Guadiana, beneficiaria todo o público; ou

Automotora 9723 — sua antecipação em meia hora, partindo de Faro às 8 e 52 (com horário rápido), chegando ao Guadiana cerca das 10 e 06, como antigamente a 9721, que servia muito bem. Atendendo aos dois comboios antecedentes (9721 e 9271), as suas paragens só nas estações seria o ideal.

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.DA

Fábrica de Conservas de Peixe

As conservas FOLQUE *são produtos de ALTA QUALIDADE*

Agente em LISBOA

RICARDO CASTANHEIRA, L.DA — Rua Nova de S. Mamede, 10

Lotas do Algarve

Vila Real de Santo António

de 16 a 22 de Maio

TRAINEIRAS:

Brisa	182.840$00
Flor do Guadiana	182.050$00
Ramira	173.150$00
Norte	148.710$00
Levante	155.545$00
Raulito	132.420$00
Aldita	122.220$00
Audaz	113.340$00
Maria Rosa	111.170$00
Conceiçanita	109.760$00
Agadão	103.640$00
Pérola do Guadiana	102.560$00
Lívio	100.200$00
Flor do Sul	98.660$00
Deolinda Rita	97.218$00
Infante	96.675$00
Liberta	93.967$00
Sul	90.800$00
Rajada	80.260$00
Lenita	79.220$00
Tozé	70.415$00
Pinguim	68.056$00
Mogador	63.850$00
Malaca	61.790$00
Triunfante	40.150$00
Novo S. José	35.890$00
Boreal	33.900$00
Lagoa Azul	33.080$00
Tòluís	25.030$00
Sete Estrelas	19.390$00
Noroeste	15.615$00
Deus te Guarde	14.605$00
Portugal 6.º	14.100$00
Costa Azul	13.340$00
Novo Machado	10.790$00
Restauração	9.930$00
Alvarito	8.950$00
Jomanel	5.540$00
S. Paulo	5.200$00
Sol	5.100$00
Maria Sérgio	4.580$00
Mirita	4.560$00
Luís Fernando	3.830$00
Trio	3.380$00
Oeste	1.780$00
Praia da Luz	1.440$00
Sr.ª da Piedade	1.000$00
Portugal 4.º	980$00
Total	2.950.676$00

Atum da costa do Algarve

de 16 a 22 de Maio

Medo das Cascas 51 atuns, 20 atuarros e 21 albacoras	104.033$30
Cabo de Santa Maria 11 atuns, 33 atuarros e 4 albacoras	52.958$40
Barril 6 atuns, 15 atuarros e 1 cachorreta	15.462$50
Total	172.454$20

Atum da costa de Marrocos

de 16 a 22 de Maio

Cenisozas 582 atuns, c/ 106.948 kgs., p/ contrato	
Cabo Espartel 858 atuns, c/ 162.463 kgs., p/ contrato 30 atuns, c/ 5.191 kgs., 45.161$70	

Fuseta

de 16 a 22 de Maio

CAÇADEIRAS:

Senhora da Orada	23.834$00
Benvinda Maria	19.045$00
Dois Irmãos Unidos	18.015$00
Sta. Rita da Fuseta	17.806$00
São Jorge	17.730$00
Sr.ª do Carmo da Fuseta	17.357$00
Manuela da Conceição	16.780$00
Albano Marques	16.101$00
Maria Alice	15.838$00
Petinga	15.042$00
Lurreermínia	14.839$00
Novo Pardalinho	13.756$00
Novo Miúdo	13.616$00
Duas Manas	12.700$00
São João da Fuseta	12.588$00
Georgelina	9.708$00
Sempre Aurora	7.036$00
	261.791$00
«Sacadas» e diversos	95.409$00
Total	357.200$00

Olhão

de 16 a 22 de Maio

TRAINEIRAS:

Boreal	63.450$00
Sr.ª da Piedade	60.020$00
Tòluís	53.930$00
Norte	41.860$00
Deus te Guarde	31.150$00
Alvarito	28.770$00
Clarinha	28.385$00
Arrifana	25.570$00
Oeste	22.397$00
Praia da Luz	20.240$00
Sete Estrelas	19.509$00
Oca	17.670$00
Cine	15.030$00
Portugal 4.º	13.300$00
Refrega	12.550$00
Pérola Algarvia	12.335$00
Briosa	12.100$00
Gracinha	11.425$00
Costa Azul	11.330$00
Trio	10.285$00
Jomanel	9.235$00
Pérola do Guadiana	9.140$00
Flor do Guadiana	9.090$00
Nova de Setúbal	7.890$00
Alzirinha	7.490$00
Borges do Rêgo	5.735$00
Novo S. José	4.900$00
Manuel Machado	4.720$00
La Rose	4.485$00
N. Sr.ª da Pompeia	4.435$00
Niza	4.000$00
Sever	3.860$00
Mirita	3.150$00
Pérola do Sado	1.640$00
Salvadora	1.500$00
Total	592.576$00

Albufeira

de 16 a 22 de Maio

TRAINEIRAS:

Mèlinha	5.400$00
Farilhão	3.920$00
Ponsul	3.300$00
Pérola Algarvia	3.230$00
Mexilhão	2.980$00
N. Sr.ª Pompeia	2.390$00
Maria Sérgio	1.740$00
Arrifana	1.660$00
Lusitana	1.540$00
Fóia	1.420$00
Nova de Setúbal	1.230$00
Brizamar	1.200$00
Niza	1.140$00
Maria Benedito	1.110$00
S. Flávio	1.040$00
Leãozinho	780$00
Sarda	750$00
Ciclone	730$00
Satúrnia	670$00
Lola	580$00
Mirita	530$00
Virgem te Guie	520$00
St.º Inácio	480$00
Estrela de Maio	410$00
Maria Odete	270$00
	39.900$00
«Sardinheiras» e outras	26.641$00
Total	66.541$00

Portimão

de 16 a 22 de Maio

TRAINEIRAS:

Farilhão	109.430$00
Pérola de Lagos	72.000$00
S. Flávio	49.360$00
Lola	40.030$00
Fóia	26.500$00
Pérola Algarvia	23.820$00
Sarda	23.510$00
Sr.ª do Cais	21.400$00
Mexilhão	21.100$00
Oca	20.400$00
Dòrita	19.650$00
Portugal 4.º	16.130$00
Portugal 7.º	15.670$00
La Rose	15.500$00
Santo Inácio	15.150$00
Mirita	14.570$00
Maria Odete	13.320$00
Costa d'Oiro	12.000$00
Ciclone	11.930$00
Milita	10.500$00
Brisamar	10.490$00
Pérola do Barlavento	9.740$00
Briosa	9.640$00
Praia Amélia	9.530$00
Oressa	9.260$00
Cristina Leote	7.700$00
Virgem te Guie	7.600$00
Sr.ª da Graça	7.400$00
Lusitana	6.740$00
Sol	6.700$00
Ponsul	6.000$00
Sr.ª do Altar	5.800$00
Leãozinho	5.310$00
Manuel Machado	4.700$00
Lua Nova	4.300$00
Sever	4.000$00
Pérola do Arade	3.900$00
Arrifana	3.700$00
Trio	3.280$00
Satúrnia	2.700$00
Estrela de Maio	1.900$00
Borges do Rego	1.260$00
Alzirinha	1.100$00
Maria Benedito	650$00
Marisabel	300$00
Total	685.670$00

MOVIMENTO PORTUÁRIO

De 17 a 23 de Maio

Entrados: Português «Madalena», de 1.198 ton., de Setúbal, com carga em trânsito; Espanhol «Marques de la Viesca», de 110 ton., de Tânger, com atum; Suíço «Laupen», de 468 ton., de Casablanca, com carga em trânsito: Português «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Espanhol «Jaime Perez», de 58 ton., de Tânger, com atum.

Saídos: «Marques de la Viesca», para Tânger, vazio; «Jaime Perez», para Tânger, vazio; «Madalena», para o Funchal, com sal; «Laupen», para Génova, com conservas; «Zé Manel», para Lisboa, com minério e enxofre.

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Vende-se ou aluga-se, num dos melhores centros de pesca. Grande capacidade de produção, todas espécies peixes molhos e salgados. Óptimo edifício e localização, em laboração. Negócio urgente, tratando só directamente interessados. Resposta **Agência EVA, Rua da Conceição, 147, ao n.º 171 - Lisboa.**

Notas & Reparos

Uma carta sobre a mendicidade

Firmado pelo seu vogal-director, sr. Mário Antunes Lança, recebemos um ofício do Centro de Assistência Social de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila, do qual transcrevemos o seguinte período:

«Há cerca de dois anos e meio, o «Refeitório de indigentes» (que hoje faz parte deste Centro) distribui 200 refeições diárias e cerca de esc. 250$ por semana, em dinheiro, a pobres desta vila e de Monte Gordo, além de cerca de 10 litros de leite por dia a doentes pobres, e ainda serviço de barbearia. Quer dizer, ao indigente do nosso concelho dão-se 2 refeições diárias, faz-se a barba, corta-se-lhe o cabelo e dá-se-lhe ainda esc. 5$00 em dinheiro, ao sábado, para sabão, petróleo, etc. Não é muito, mas é já alguma coisa e, se não vamos mais além, é porque, por ora, as nossas possibilidades mais não permitem. Mesmo assim, esta assistência envolve-nos num encargo da ordem dos 150 contos anuais, o que me parece ser para considerar, pois sabemos que, no Algarve, instituições congéneres não fazem melhor.

Portanto, assistência faz-se; agora, se os pedintes voltam a pulular, a maior parte deles, como se diz na local, oriundos de concelhos estranhos, já não é culpa nossa e sim por falta de acção repressiva por parte das nossas autoridades policiais, junto de quem, por mais de uma vez, fizemos diligências no sentido de uma colaboração persistente e eficaz, sem a qual não é possível acabar de vez com a mendicidade nas ruas. De passagem, informo V. que foi feita nova diligência pela Direcção deste Centro, no sentido de uma mais eficiente repressão policial.»

Como é fácil de compreender, não cabe na índole da nossa secção «Notas & Reparos, tratar profundamente de qualquer tema de interesse, aduzindo argumentos, expondo números ilustrativos e documentação corroborante, mas tão sòmente desejamos apontar, em tom ligeiro e correntio, factos que julguemos não estarem certos, para que sejam devidamente sanados. Sem desejarmos colocar em xeque tanto entidades como pessoas, desejamos ùnicamente apontar deficiências, para se lhes estudar o remédio possível. É esta a nossa missão, como membros da Imprensa, e dela não nos desviaremos, muito embora tenhamos de contar com algumas incompreensões e desvirtuamentos do que realmente queremos dizer.

A nossa local não visava dar a impressão de que nada se faz na nossa terra em matéria de assistência, pela mera razão de não aludirmos, nela, à interessante e louvável obra já realizada até ao presente pela Junta de Freguesia, através do Refeitório dos Indigentes. Esta actuação já estava implícita na frase que escrevemos «...com as providências tomadas há tempos». Além disso, contávamos com a publicação do artigo inserto no número seguinte, em que o problema da Assistência na vila seria versado com a latitude conveniente, como foi.

É evidente que tudo irá melhorar neste campo, em Vila Real, com os serviços centralizados no recém-criado Centro Social Polivalente, à frente do qual se encontram pessoas de reconhecido valor, dedicação e competência, e cuja actividade virá certamente corresponder ao desejo, que formulámos, de assistência profícua mediante uma coordenação lógica e eficaz de todas as organizações assistenciais do nosso concelho.

Com isso nos congratulamos.

Também por cá...

Um colega nosso da Imprensa local manifestava a sua estranheza pela ignorância geográfica do jornalista dum diário lisboeta, o qual, a propósito da recente viagem do sr. Presidente da República à nossa província, escreveu que o chefe do Estado seguiria de S. Brás de Alportel para... o Algarve (!).

O lapso, revelando insuficiência de noções geográficas certamente censurável num informador do público, tem, todavia, uma contrapartida entre nós. São os próprios habitantes das zonas serranas algarvias que não se consideram pertencentes ao Algarve, pois é corrente ouvirmos dizer aos nossos «montanheiros», desde Aljezur e Monchique até S. Brás e Vaqueiros, que «vêm ao Algarve», quando se deslocam à planície ou ao litoral,

Possìvelmente, o tal jornalista teria ouvido algum sambrasense referir-se ao Algarve como se fora região estranha, e ele próprio julgou-se ainda em pleno Alentejo, e daí a asneira.

Agora, o mais lamentável (e admiramos que o nosso colega não tivesse reparado nisso) constituiu o facto de um semanário *algarvio*, que se publica em Faro, noticiar, também a propósito da jornada presidencial, que o Chefe do Estado tinha pernoitado na Quinta de Cima, em Cacela, «cerca de Loulé». Esta é digna de palmatória, e, como se vê, não são só os jornalistas forasteiros que claudicam na corografia do Algarve...

Reguem-se as ruas!

Vila Real de Santo António, onde a água abunda, está a precisar um tanto de que sejam regadas as suas avenidas e ruas, em virtude do pó e da sujidade que se estão a notar nalgumas artérias de trânsito intenso, especialmente nestes dias calmosos.

Sem desprimor para o pelouro da higiene pública da nossa Câmara Municipal, atrevemo-nos a sugerir a conveniência de ser adquirido um camião para regas, como já se pratica nas principais cidades e vilas do País, em que as ruas são rápida e eficientemente regadas, várias vezes, mesmo quando o tempo ameaça chuva, como vimos recentemente no Barreiro.

Abusos que não devem permitir-se

É sumamente desagradável o que está a passar-se na nossa estação internacional, tanto com nacionais como com estrangeiros, em matéria de pagamentos aos moços de fretes adventícios que enxameiam o cais do apeadeiro e estação fluvial do Guadiana. Sem falar no assalto grulhento ao freguez, a exploração dos viajantes torna-se revoltante para quem a sofre e vergonhosa para quem a ela assiste, sobretudo quando se trata de estrangeiros de passagem. Têm-se chegado a verificar ameaças e pragas injuriosas, se acaso a «vítima» não está disposta a esportular as exorbitâncias exigidas pelo tranporte de um ou mais volumes no espaço de poucos metros, entre o apeadeiro e a estação fluvial.

Para coibir estes excessos, gravemente nocivos ao turismo e ao bom nome da terra, impõe-se que, sem demora e à semelhança do que se faz em Lisboa e no Barreiro, sejam afixados cartazes, em duas ou três línguas, indicando os preços autorizados para o transporte de cada volume de bagagem. Ficaria a questão regularizada e sanar-se-ia uma causa de conflitos, terminando de vez com a roubalheira dos moços de fretes pouco escrupulosos.

ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A MÚSICA POPULAR NO ALGARVE

III

QUE as sociedades de bandas civís são de acentuada utilidade pública, todos o reconhecem. Neste ponto, creio poder afirmar não haver opiniões divergentes. As vantagens da sua existência verificam-se pelos muitos indivíduos que se fizeram homens para a vida e para a sociedade, indivíduos que, se não foram esses centros de cultura e Arte, vivendo em ambiente familiar e amigo, jamais teriam saído da mediocridade em que nasceram por essas terras além, por esses montes e vales, onde a ignorância e o analfabetismo têm imperado.

O convívio, a escola da prática, as relações de amizade, as saídas a terras estranhas, os passeios, enfim, todo um corolário de activa cultura popular que o povo criou para seu próprio governo espiritual e recreativo, são a tónica dessa civilidade e educação que aperfeiçoam o indivíduo. Com o contacto vai-se polindo, abrindo os olhos, e, mesmo que só lide com as sete notas da música e as cinco linhas e quatro espaços da pauta e não saiba uma letra de forma, pela força do hábito e do meio pode esmerar-se, se para tal a sua própria índole for de feição. Pois o ambiente, na generalidade, é excelente.

E ouçamos um caso verdadeiramente singular que define este ponto de vista:

Numa das bandas civís de que fiz parte, aliás uma banda de elevado grau artístico, no final de determinado ensaio, um dos meus companheiros de estante, homem simples, bondoso, já vergado ao peso dos anos, de poucas falas, pediu licença ao regente para apresentar a sua despedida à banda. E disse esse belo camarada votado ao sacerdócio da música popular: «...não posso mais tocar. Deixo a música com saudade e com as lágrimas nos olhos. A ela devo ter ficado conhecendo alguma coisa do mundo, ter recebido alguma educação e adquirido alguns conhecimentos e alguns amigos. Se não fosse a música, não passaria de um analfabeto, *fossando* sempre na ignorância.»

Palavras que envolviam uma alta lição. Se não fosse a música popular, autêntico e bem compreensivo conservatório onde até os analfabetos aprendem a ser alguém, este operário não passaria, decerto, dum assíduo frequentador da perniciosa taberna. Mas a música roubou-o a esse nefasto ambiente e fê-lo viver num meio salutar de vida recreativa e artística, séria e honrada.

Que excelente quadro social e

Quando no Algarve a música impunha as suas altas virtudes: — a «Orquestra Clube Verdi», de Olhão, sob a regência do dr. José Maria de Pádua — 1-1-1870

educativo, este das nossas colectividades musicais! Contudo...

Embora ainda, felizmente, haja excepções à regra, por efeitos de verdadeiros milagres que se operam em determinadas sociedades com bandas de música, a verdade é que se verifica o seu declínio, perdendo-se, lamentàvelmente, uma tradição bem portuguesa e de um expressivo cunho de academia popular. E porquê este declínio, esta morte da música do povo? Oh! muitos são os que se aliam para deitar neste *cadáver* social a sua sacramental e *piedosa* pá de terra!

A vida difícil do povo trabalhador; o custo elevadíssimo de todo um complicado arsenal de matéria prima para sustento de tais instituições associativas e artísticas; a falta de interesse na aprendizagem de música; a grande redução das bandas militares, que eram o refúgio artístico que dava futuro social e económico a uma grande falange da mocidade portuguesa; o indiferentismo de certos meios que outrora protegiam e auxiliavam as bandas civís; a falta de amparo da parte oficial; a doença colectiva da bola, que todos os cuidados absorve, desde as entidades oficiais ao mais modesto indivíduo, seja ele homem ou criança; a música mecânica, as cantigas ao fado, no desejo insofrido de ser-se cantor de rádio, toda uma aspiração, enfim, de cada um conseguir melhores proventos, prazeres e triunfos pessoais, e... os não menos célebres *Jazzs* — essa perversão da Arte! — a ressumar negridão e selva, eis a mancomunada legião de coisas que a evolução nos deu, e que vão contribuindo para acabar com a obra musical que herdámos de nossos avós.

Aquele antigo amor e dedicação às colectividades de recreio e prazer musical que nossos pais lhes votaram, sem o cunho de mercantilismo, já se escapuliu dos sentimentos do indivíduo da presente geração. O egoísmo tudo perverte!

Hoje, todo o mundo anda na tremenda luta do interesse. O pagamento é a divisa que impera. Todos os serviços têm de ser remunerados. O comercialismo está na ordem de todas as actividades e de todas as dedicações. E como não há-de ser assim, se os exemplos são edificantes?!...

Antigamente, com mais ou menos facilidade, arranjavam-se 300 sócios para a manutenção de uma sociedade musical. À quota mensal de cinco tostões, eram cento e cinquenta mil réis. Com esta verba satisfaziam-se os seguintes encargos: comprava-se um cornetim, por 10.000 réis; um fardamento de pano, por 8.000 réis; uma palheta, por oito tostões; pagava-se ao regente, 30.000 réis; aluguer de casa, 4.000 reis. Despesa, 52.800 réis; saldo positivo, 97.200 réis. Este excedente de receitá dava para satisfazer os encargos de expediente: consertos de instrumentos, luz e água. Assim dava gosto ser-se dirigente da Sociedade. Mas o progresso... as cifras... os centavos... os escudos!...

Um cornetim custa 2.300$00; um fardamento de pano, 1.000$00; uma palheta 6$00; regente 800$00; casa 400$00. Soma—4.506$00. Se houvesse no nosso meio musical civil a felicidade de se arranjar para cada

Conclui na 4.ª página

ALGARVIOS NA ÍNDIA

Conclusão da 1.ª Página

partiu em 1553 na nau «Galega»; Francisco de Espinosa, escudeiro, de 19 anos, filho de João de Góis e de Maria de Espinosa, seguiu em 1553 na nau «S. Bento»; Rui Caldeira, escudeiro, de 25 anos, filho de João Leitão e de Inês Vilarinho, seguiu em 1574 na nau «Chagas». *Silves* — Fernando Álvares de Andrade, escudeiro, filho de João Fernandes de Andrade e de Guiomar Fernandes Rebelo, partiu em 1553 na nau «Galega»; Luís Cabral, filho de Lizuarte Cabral, partiu em 1546 e morreu em 1552; Paulo da Gama Cabral, de 19 anos, filho de Diogo Fernandes Cabral e de Ana de Alcáçova, seguiu em 1585 na nau «S. Alberto». *Tavira* — Diogo de Novais, escudeiro, de 20 anos, filho de Duarte Arnau e de Margarida de Novais, partiu em 1542; Francisco Roiz Viegas, escudeiro, de 24 anos, filho de Diogo da Cunha e de Inês Viegas, partiu em 1585 na nau «S. Lourenço».

A CIDADE DE SILVES DA DECADÊNCIA AO RESSURGIMENTO

Conclusão da 1.ª página

Quase totalmente arruinada com o terramoto de 1755, após esta catástrofe começa a ser reconstruída; e a partir do século dezanove, já possui algumas residências particulares de imponente aspecto, pertencentes às famílias mais abastadas, acentuando-se esta renovação depois de 1820, com abertura de novas ruas, construções de casas, armazéns, estalagens, algumas casas comerciais, movimento animado, exclusivamente, pela agricultura, pois os campos em redor são dos mais férteis do Algarve.

Toda esta reconstrução do velho burgo se fazia lentamente e os prédios novos erguiam-se perto das ruas que conduziam à Sé Catedral, na direcção da ermida da Senhora dos Mártires, os mais importantes próximo da ponte e do rio, e alguns em redor da praça, onde a Câmara Municipal tinha seus paços no torreão que ligava às muralhas, sobre arcos centenários que ainda existem.

Com a crise aberta pelas lutas liberais, a administração pública era irregular, não havia fomento, faltavam comunicações, o rio Arade continuava assoreado, dificultando transportes por esse caminho fluvial que, devidamente cuidado, poderia ser excelente via para exportação e importação até à barra de Portimão.

A fertilidade dos campos, das hortas e pomares continuava a ser a única salvação económica da cidade e do concelho; mas durante muitos anos parte da exportação dos frutos e outros produtos foi feita por intermédio do pequeno embarcadouro da Mexilhoeirinha da Carregação.

Em 1835, Silves foi elevada a sede de comarca, que no ano seguinte transitou para Lagos, regressando mais tarde àquela cidade. E a política não lhe deu grandes melhoramentos.

Só no último quartel do século dezanove, com a instalação de fábricas de cortiça, intensificação da exportação de frutos secos — nomeadamente figo, amêndoa e alfarroba — a cidade conheceu sensíveis progressos, aumentando a população, multiplicando-se o comércio, valorizando-se a vida agrícola e industrial.

Silves foi, então, uma cidade industrial, um dos primeiros centros corticeiros do País, com alguns milhares de operários que se repartiam por fabricos e grandes fábricas, como as de Salvador Gomes Vilarinho e Sucessores; de Augusto Monteiro, associado com alemães; e a dos ingleses (que ainda existe), devida à iniciativa de Gregório Mascarenhas, que também impulsionou a construção de moradias, mormente no bairro que se formou em redor desta última fábrica. Em 1874, teve fábrica de sabão e, mais tarde, uma de linhagem.

Ao começar o século actual, Silves era uma colmeia agrícola e industrial com certa vida e vibração. Por novas ruas e travessas, desde o alto monte até ao vale, aglomerava-se casario modesto, atropelando a estética citadina; mas a população crescia, o comércio aumentava; e o raiar do outono, após as vindimas e recolha dos figos, amêndoas e alfarrobas, o burgo animava-se com o movimento dos fumeiros, onde se preparavam os frutos secos, e das adegas, em que se recolhia o vinho novo; e o mulherio acudia ao cais, quando o sino ou pregoeiro anunciavam a chegada de «peixe fresco» — os botes que chegavam de Portimão carregadinhos de chicharro e sardinha. Pelas ruas soavam os cantares das mulheres que nos fumeiros partiam amêndoa e enseiravam figos, e os moços pequenos corriam para as portas das vendas, a comprar batata-doce por cinco réis...

O rio, um pouco mais navegável devido a ligeiras dragagens, oferecia, então, um belo aspecto. Era no tempo em que ali vinham muitas e grandes lanchas, velas brancas ao vento, que os moços iam esperar, em algazarra alegre, lançando-se, desnudados, à água, regressando os barcos, em longa fila, para o mar, carregados de cortiça e frutos.

Qoando vinha a grande feira de Novembro — uma das maiores do País — a cidade enchia-se de milhares de feirantes, que ali acorriam de toda a parte, com fantásticas atracções, quinquilharias, frutas, loiças, fazendas e gados.

Assim foi crescendo a cidade, depois animada com o caminho de ferro, de vez em quando suportando crises negras, devido às flutuações e contingências da indústria corticeira, sempre esperando melhores dias. As grandes fortunas eram, então, privilégio de meia dúzia de famílias; havia gente remediada, mas a maioria era pobre. Os operários corticeiros de vez em quando agitavam-se, proclamavam as suas reivindicações, reuniam-se na sua Associação para ouvir os propagandistas; e dessas justas aspirações económicas surgiram, muito cedo, cooperativas de consumo, que se destacaram, em alguns períodos, no movimento cooperativista nacional.

A moderna arquitectura de Silves não era pomposa com seu modesto casario, mas os velhos monumentos emprestavam-lhe uma feição senhoril, e havia um novo Palácio Municipal, dos melhores da Província, e o Hospital da Misericórdia, instituído em 1775, tinha sido completamente renovado. É certo que a cidade não possuía a graciosa característica dos centros modernos, mas havia sido completamente arrancada à decadência do século dezoito.

* * *

Depois da proclamação da República, as primeiras vereações procuraram impulsionar a cidade e aformoseá-la, lutando sempre com a pobreza do orçamento municipal. Mas alguma coisa fizeram, que não deve ser esquecida, sobretudo no campo da instrução. Desse período foi um notável impulso à instrução primária na cidade e povoações rurais, com a criação de muitas escolas e novos lugares de professores, acção desenvolvida com o apoio da Inspecção do Círculo Escolar de Silves. Conseguiu-se a criação da Escola Industrial e Comercial, hoje em franco progresso, a obra de educação profissional e social mais notável realizada até hoje no concelho. Tendo em vista futuros melhoramentos, foi mandada executar, em Lisboa, uma planta geral da cidade. Construiu-se o Matadouro, o primeiro jardim, e uma praça de frutas, mais tarde destruída para edificação do quartel da Guarda Republicana.

As vereações seguintes, já na actual situação política, fizeram importantes melhoramentos, como abastecimento de luz e água e rede de esgotos, o que muito contribuiu para melhorar as condições sanitárias da cidade. Foi ampliado o jardim e aformoseado o Palácio Municipal. Por sua vez, o Estado também fez obras de relevo, como restauração de alguns monumentos, construção de edifícios dos Correios, Escolas Primárias, Cadeia, Escola Industrial e Comercial (por concluir) e, acima de tudo, a monumental Barragem do Arade, obra de seguro desenvolvimento agrícola e de grande projecção económica.

Com o novo Hospital da Misericórdia; o bairro que a direcção desta instituição iniciou, e para o qual contribuíram donativos do falecido benemérito dr. Francisco Vieira; a próxima inauguração da Praça de Frutas e Peixe e outros melhoramentos que se anunciam, como a nova ponte e avenida marginal, penso que Silves caminha para pleno ressurgimento.

Não lhe faltam, ainda, colectividades locais que devem intensificar iniciativas — sociedades recreativas, desportivas e Filarmónica, Associação dos Bombeiros Voluntários, cooperativas Agrícola e de Consumo e nova empresa do Cinema. É importante o seu comércio e a indústria corticeira, mesmo em crise, e têm apreciável movimento as agências bancárias.

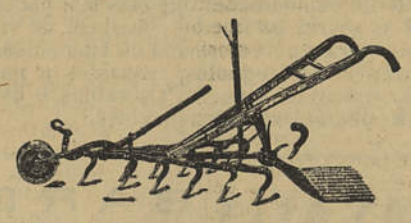
Que lhe falta? Um Bairro Económico para classes pobres; organização de serviços de Turismo; iniciativas de carácter cultural — Biblioteca Pública e Museu; e maiores receitas municipais, para o Município acudir à pavimentação das ruas e outros melhoramentos, sem esquecer todas as freguesias rurais, e a falta de comunicações com a importante povoação de S. Marcos da Serra.

Há uma nuvem negra — as periódicas crises na indústria corticeira. Mas este é um problema nacional.

Olho para trás, revejo a vagarosa marcha progressiva da cidade, analiso a sua vida actual, e creio no seu ressurgimento. Este será tanto mais rápido quanto menor for o egoísmo dos homens e menos indolente a iniciativa particular.

Julião Quintinha

MATERIAL
PLANET J.OR
CULTIVADORES E GRADES PARA TRACÇÃO ANIMAL



CAVADORES PARA TRACÇÃO MANUAL
Em exposição no Stand da Continental do nosso agente
EDUARDO DA F. SALTER DE SOUSA
Largo do Mercado — FARO
MONTEIRO GOMES, L.DA
Rua Cascais, 47 — Telefone 637083 — LISBOA

Combata o
escaravelho da batateira
com "ESCARAVELHO"
Bug Buster

Importadores e Distribuidores:
SOCIEDADE TRANSOCEÂNICA, L.DA
TRAV. HENRIQUE CARDOSO, 19-B LISBOA

BUQUE
Vende-se, com vela e mais aparelhos.
Tratar com Saias, Irmãos & C.ª, Lda.-Olhão.

JOÃO LÚCIO
visto pelos poetas
ALGARVIOS DO SEU TEMPO

Conclusão da 1.ª página

tas do génio algarvio. Os poetas do Algarve, seus irmãos, reunindo-se, para consagrar-lhe o nome e perpetuar-lhe a glória, não praticam apenas um acto de nobre solidariedade intelectual: realizam uma afirção daquele espírito de região e de raça, que é a maior força dos povos e que há-de unir, amanhã, no mesmo ideal de beleza, na mesma ânsia de progresso, no mesmo amor pela sua província, todos os algarvios.»

Dentre os restantes quinze poetas que figuraram, pela ordem alfabética dos seus nomes, na simpática publicação, permito-me destacar, pelo valor das suas produções, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, Emiliano da Costa, José Castanho, José Dias Sancho, Marcos Algarve, Maria Veleda, Natércia da Luz, Rodrigues Davim e Salazar Moscoso.

Termina por estes dois admiráveis tercetos a composição em que Bernardo de Passos — o maior intérprete lírico do ruralismo algarvio — nos evoca João Lúcio, sob o título «Na asa do Sonho»:

«Palavras tristes, para que dizê-las?
Poeta, a sua Alma ébria de estrelas
Perdeu-se numa névoa erma e dis-
[tante...

Desfez-se no Mistério a sua Vida,
— Canção de sol na morte anoitecida!
Quimera, sonho eterno dum instante!»

Cândido Guerreiro — émulo de Antero de Quental na tessitura filosófica do soneto — termina assim, por sua vez, a emocionante composição que dedica à alma do Poeta:

«A bem-amada? As filhas? Os
[seus versos?
Aonde ireis parar, astros dispersos,
Constelações de amor? aonde? aonde?

Chocam-se e ruem pela altura os
[mundos,
E à pergunta dos lábios moribundos,
Só o silêncio eterno lhe responde...»

De Emiliano da Costa — último cantor, e estranho cantor, ainda felizmente vivo, de uma gloriosa dinastia de príncipes da poesia do Algarve, que tem já seus legítimos continuadores em João Braz e poucos mais, — não resisto a transcrever, na íntegra, o capitoso soneto «João Lúcio», em que o autor põe todo o colorido do seu mago pincel de artista:

«No fundo bizantino, em oiro cromo,
De cada tarde, o Sol esplende tanto...
Tu vives nele, ao Alto onde me assomo,
Poeta, como na Arte vive o acanto.

A abelha, o azul, um canto d'ave,
[um gomo,
A Natureza, num radioso encanto,
Nessa poesia se estiliza como
No oiro do Sol a flor dum helianto.

Dobram-se as folhas em volutas
[jónias...
O teu influxo ardente como fez
Nos nectários perlar as ceratónias!

E o Sol flameja em tudo! e tudo canta!
— Glória à Cor! Glória ao Poeta-
[-Veronez!...
E o Algarve a humilde palma lhe
alevanta.»

José Dias Sancho — jovem talento, ceifado também pela morte em plena floração das suas actividades de escritor, jornalista e poeta, — tem igualmente momentos de verdadeira beleza orquestral, na sua «Canção para Além», ao descrever-nos, como segue, a obra poética de João Lúcio:

«Arquitecto fantástico do Verso,
Ergueste Catedrais,
Castelos sobranceiros, Palácios ren-
[dilhados

Com líricos vitrais,
Poemas d'Amor e Luz, albentes,
[perfumados
De rezas sensuais.

Foste a manhã de maio
Que faz nascer os malmequeres
[d'ouro
E faz trilar os melros nos silvedos...
Fizeste de teus livros um tesouro
De lúcidos segredos
Onde o sol resplandece, lindo e louro.

Cantaste o Céu Azul, a Noite Azul,
Os Miosótis, a Beleza, o Sonho alado,
As Estrelas, a Amplidão,
E ao silêncio gelado
Que coalhou em redor do teu caixão
Já não pede chegar este meu brado.

Dorme, Poeta dos Mármores
E dos Astros!»

Em estrofes não menos emotivas, dirá, por sua vez, Marcos Algarve — poeta de índole social, ainda também felizmente vivo:

«Alma gentil transfigurada em
[nuvens,
Ó morto João Lúcio!
Davas à vida num painel de Rubens
As regras de Confúcio.»

E Salazar Moscoso, perscrutando a verdadeira candura dessa mesma Alma, «No rútilo fulgir dalguma... Estrela!», não hesitará em afirmar-nos:

«Aí, achá-la-eis e, com certeza,
Sublime de Justiça... e de Verdade,
Irradiando eflúvios de Pureza,
Num nimbo cristalino de Bondade!»

Finalmente, Rodrigues Davim — poeta não nascido no Algarve, mas casado com uma distinta senhora algarvia e que ao Algarve hipotecou todos os primores do seu coração e da sua grande alma de artista, — dirá em impecáveis alexandrinos encimados pelo título «Na asa do sonho»:

«Ei-lo: — o nobre perfil p'lo génio
[aureolado
Que a rajada prostrou, sem dó, na
[muda Treva!
Não lhe bate no peito o coração ge-
[lado,
Mas lê-se-lhe na fronte a Fé que a
[Deus o eleva...

A que distantes Céus o Espírito se
[alteia
Na Asa do seu Sonho ideal de
[Perfeição?
Que Sóis vai revelar? Que Loiros?
[Que Epopeia?
Que Mundos vai criar por sua pró-
pria mão?

Silêncio! Aquela voz que enternecia
[os Astros
E as Aves e os Leões escutavam de
[rastros
Vai, decerto, quebrar o seu dormir
[tranquilo...

— Novo Poema de Fé, novo Arrebol
[de Vida,
Vai cantá-lo essa Boca exangue,
[arrefecida...
— Estrelas, Águias, Céus, vinde, por-
[tanto, ouví-lo!...»

A reiteradas instâncias do sr. dr. Luís de Sousa Horta e Costa, ilustre presidente da Comissão do Monumento a João Lúcio, contribuí também para o significado espiritual da homenagem prestada, com a seguinte modesta mas, sincera, exortação:

«Meu glorioso cantor, divino Eleito
Dessa Ala que há-de erguer os No-
[vos-Terços
Em que, alto, os corações, aos Uni-
[versos
Soltem de Amor um cântico perfeito...

Manda-me alguém que escreva a teu
[respeito,
Que fale do teu Nome e dos teus
[Versos,
Reúna, enfim, num só os ais dispersos
Da mágoa que deixaste em cada peito!

Orgulhoso do encargo me confesso.
Será, porém, o estilo em que me ex-
[presso
Bastante p'ra exalçar todo o teu
[Vulto?...

Pedra da Eternidade — alma dos
[Grandes! —
Saiba a mudez sublime em que te
[expandes
Dizer-lhe, sim, melhor, o nosso culto!»

João Lúcio, que se formou em Direito, na Universidade de Coimbra, em 1902, com 22 anos, publicou o seu primeiro livro de versos — «Descendo» —, em 1901, livro entusiàsticamente recebido pela crítica. Em 1905 saíu «O Meu Algarve» e em 1913 «Na Asa do Sonho». Após a sua morte, foi publicado um volume de poemas inéditos, sob o título «Espalhando Fantasmas», estando de há muito revelado o propósito da publicação de outros inéditos admiráveis que deixou, entre os quais um ou mais livros de «Impressões de Viagens», em prosa, e o episódio trágico, em verso, «Vento do Levante».

Com Augusto de Castro, amigo dos mais íntimos, em Coimbra, escreveu e publicou a peça de despedida de curso — «Até que enfim!» — e, entre outras actividades culturais, exerceu, no Algarve, a de director literário do semanário «O Sul» (1903-1905).

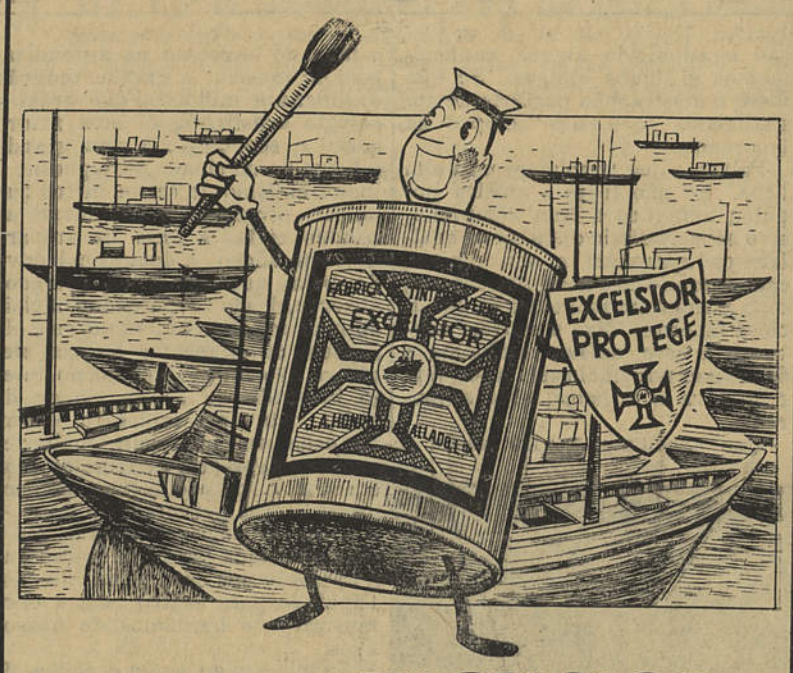
Como tribuno, foi eleito deputado franquista, em 1906, tendo de novo voltado ao Parlamento, pela minoria monárquica, numa das primeiras legislaturas da República.

Julgo representar o poeta e grande advogado num dos momentos mais vibrantes da sua actuação tribunícia, o expressivo «*portrait-charge*» que ilustra as presentes notas e que me foi gentilmente cedido por um dos seus mais dedicados companheiros de Coimbra — o meritíssimo juiz-desembargador e devotado amigo do Algarve, que muito me honra igualmente com a sua estima, sr. dr. José de Magalhães Pinto Ribeiro.

Mateus Moreno

CAFÉ - RESTAURANTE
JANELAS VERDES
de LUÍS FÉLIX DA SILVA
Cerveja de barris - Mariscos - Vinhos Verdes
Serve almoços e jantares regionais
PREÇOS MÓDICOS
RUA DE AVEIRO, 37-39
Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS EXCELSIOR
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
Travessa do Giestal, 4 — LISBOA

CHOVEU METAL
EM TERRAS DE ESPANHA

A OPINIÃO dos sábios parece dividida — uns dizem que sim, outros dizem que não. Mas nós, os que não temos pretensões a sábios, damo-nos conta de que se estão a produzir fenómenos de uma singularidade impressionante. Depois das misteriosas pedras flutuantes, assinaladas na Austrália e cuja proveniência é ignorada, aparece-nos agora uma chuva metálica, em Espanha. Nos campos de Ronda, tem-se observado a queda de uma chuva metálica, constituída por umas tiras de uns quinze centímetros de comprimento por seis milímetros de espessura de um metal semelhante ao que se utiliza para envolver chocolates e cigarros, embora um pouco mais rígido e quebradiço. A gente do campo atribui a esta estranha chuva a perda de algumas searas de cevada, mas argumenta-se que a perda dessas searas é devida a um fungo que aparece em certas cevadas de importação e que ataca as raízes das plantas, secando-as.

A Guarda Civil admite a procedência aérea da estranha chuva e os fragmentos de metal vão ser submetidos a exame.

E' claro que tanto as pedras flutuantes como a chuva metálica nada têm a ver com as deflagrações atómicas dos russos, americanos e ingleses. Qualquer analogia ou parecença não passa de pura coincidência. Em todo o caso e para tranquilidade dos seres humanos, e também para que não se perturbe a rotina milenária do nascimento, vida e morte do homem dentro do ciclo evolutivo a que estamos habituados, talvez fosse melhor acabar com as perigosas divagações atómicas, porque se, por enquanto, as pedras flutuam e não magoam e a chuva metálica apenas seca as sementeiras, poderá de um momento para o outro desabar sobre a negregada humanidade uma chuva mais contundente e mortífera — a tal chuva de mós de moínho sem olho, que garante a supressão total e inglória do Homem que através, de milénios, lutando contra a brutalidade da Natureza, conseguiu emancipar-se da sua rudeza e animalidade, estabelecendo o convívio humano num grau de sociabilidade, de civilização e de moral que não pode deixar de merecer a admiração dos actuais usufrutuários desse sacrifício e dessa experiência dos seus arqui-remotíssimos avós das cavernas e das aldeias lacustres.

E é lembrando essa luta do homem primitivo e desamparado, que edificou uma civilização, que estabeleceu uma norma de convívio, que nos proporcionou comodidades que a sua imaginação não podia conceber — é em homenagem a esse pioneiro remotíssimo do mundo de hoje que nós pedimos, imploramos aos homens de ciência que não aniquilem uma civilização cujas raízes mergulham na dor, no sangue e no sacrifício de milhões de gerações que padeceram atrozes martírios para nos proporcionarem um mundo de comodidades que eles mal podiam vislumbrar.

Deixem em paz as searas de Ronda! Acabem, de vez, com tantas experiências perigosas para a sobrevivência da Humanidade. Já todos sabemos que podemos ser desintegrados, reduzidos a nada. E ficamos a meditar se a alguém aproveita o nada. Os sábios e os acólitos que nos digam se do nada se pode extrair alguma coisa.

O VOO DAS AVES

O SERVIÇO Central de Investigações da Migração das Aves, Estação de Anilhagem de Marrocos, Instituto Científico Cherifiano, de Rabat, comunicou ao Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre», da Universidade do Porto, haver sido capturada em Douar El Hediane, Fraction El Ataya, da Tribo dos Rehmna, no dia 20 de Abril p. p., uma andorinha portadora duma anilha do referido Instituto de Zoologia.

Esta andorinha foi anilhada em Mindelo (Vila do Conde), no dia 15-VII-56.

— O sr. Susan L. Oliver, de Sheffield, Inglaterra, comunica ao mesmo Instituto que no dia 12 de Abril p. p. ali foi apanhada uma lavandisca também conhecida pelos nomes vulgares de Lavandeira, Arvéola, Boeira, etc., com uma anilha onde se lia: «MUS. ZOOL. UNIV. PORTO PORTUGAL 1895».

Esta ave foi anilhada em Mindelo, no dia 27-X-54.

O Instituto de Zoologia da Universidade do Porto prossegue no estudo científico da migração das aves. No posto de anilhagem recentemente organizado em Lagos, foram ùltimamente anilhadas 36 gaivotas.

José Manuel da Cruz
Oficina de Serralheiro
Fabricante de Balanças Romanas
Rua do Relógio, 24 — MONCHIQUE

BARDAHL

Gráfica do Sul
TELEFONE 161
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Litografia • Tipografia • Cartonagem
A mais completa organização gráfica do Sul do País.
Trabalhos em fotolitografia, offset e desenho.
EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE:
ENVOLTÓRIOS E ROTULAGEM PARA A INDÚSTRIA DE CONSERVAS, PROGRAMAS, CALENDÁRIOS E CARTAZES DE PROPAGANDA, ROTULAGEM PARA VINHOS, AGUARDENTES, LICORES, REFRIGERANTES, ÁGUAS MINERAIS, PERFUMES E PARA BOLACHAS, CHOCOLATES E REBUÇADOS.
LIVROS
JORNAIS
REVISTAS
RELATÓRIOS
Consulte e aconselhe-se com a
GRÁFICA DO SUL
e ela lhe resolverá as suas dificuldades.

VANTAGEM DA INDUSTRIALIZAÇÃO DO ALGARVE

Conclusão da 1.ª página

para eles, mas para a economia, salubridade e estabilidade social. Esta, quanto a nós, a razão por que se terá fixado na zona lisbonense uma grande parte do nosso cabedal fabril. Há outras razões, e que não são de desatender: centro de consumo próximo, energia mais barata e mais facilidade de resolver embaraços. Está certo, mas o estar certo não quer dizer que sejam extensivas a todas as modalidades industriais as atenuantes que apontamos. Há muitas fábricas na zona de Lisboa que podiam laborar em terras de província, com vantagem para a disciplina da indústria, com mais lucro para os seus empresários e com manifesta utilidade para a estabilização demográfica e económica das regiões que escolhessem — dispersão, portanto, da massa humana e menos perigo, consequentemente, da sua supressão volumosa quer por fenómeno sísmico quer por percalço bélico.

A propósito e para demonstrar que não há uma vantagem por aí além — afora o prazer pessoal e as comodidades — de criar indústrias no perímetro das grandes cidades, lembra-nos que uma das maiores fábricas de biscoitos da Grã-Bretanha, que cremos será também uma das maiores do mundo, foi localizada numa cidade que não chega a ter 8.000 habitantes (menos população que Vila Real de Santo António). Chama-se essa cidade Llantarnan, no País de Gales, e deve ser uma população de hábitos morigerados, onde todos se conhecem e onde todos, de manhã, ao dirigirem-se aos seus afazeres, hão-de trocar um «salve-o Deus!», com o sorriso de simpatia que é normal entre conhecidos e bons vizinhos. A fábrica mede 150.000 pés quadrados, emprega 780 pessoas, em dois turnos, durante todo o ano e envia os seus produtos para 65 mercados estrangeiros. As suas vendas ascendem anualmente a muitos milhões de libras e os seus proprietários estão satisfeitos com a sua indústria e com os seus operários, que aliam a rapidez à adaptabilidade e conservam um elevado nível de limpeza e higiene.

Prova o caso que apontamos — exemplo de milhares deles — que a indústria afastada dos grandes centros é mais disciplinada, mais rendosa e mais moral.

Isto nos leva a sugerir que o Algarve, onde a gente é boa e inteligente, o clima é apetecível e o convívio mais são que nas grandes cidades, seja objecto de interesse por parte de quem pretender criar novas indústrias. Vamos ter electricidade — havemos de ver isso dos preços! — temos, pelo menos, um bom porto, boas vias rodoviárias, linha férrea, e temos ainda um grande desejo: o de ver prosperar a nossa província, o de se proporcionarem melhores condições económicas a um povo cujo nível de vida deve ser dos mais medíocres do País. E estes humanos e justos desejos, que envolvem disciplina moral e económica, valem muito mais que as pretensas comodidades do acharutado Fulano, que às vezes fala em Pátria — para seu governo.

Elementos históricos
sobre a música no Algarve

Conclusão da 1.ª página

Sociedade um núcleo dos mesmos antigos 300 sócios, a 15$00, cada, arranjar-se-ia uma receita de 4.500$, o que daria, mesmo assim, um «déficit» de 6$00! E não havendo verbas para consertos de instrumentos, luz e água, evidentemente que surgiriam as preocupações, as dificuldades, as arrelias e as inúmeras dores de cabeça. No entanto, alguma coisa poder-se-ia realizar! Mas, como não há possibilidade nem do número indispensável de sócios à quota de 15$00 e nem de, pelos lógicos meios associativos, se satisfazerem os inúmeros encargos que actualmente oneram a vida das Sociedades com bandas civís, a real prova é a que infelizmente está à vista: a decadência!

Pois a prática, quanto a sócios, é a que os ficheiros, na generalidade, nos dão: algumas dezenas, apenas, e à clássica razão dos **2$50!!**

Resumo: não é possível obrigar-se os habitantes das aldeias, vilas e cidades a serem sócios das respectivas bandas civís: quem pode não quer, e quem deve não aparece; não é possível a vontade particular de alguns obrigar os municípios a suprir a falta de sócios das sociedades musicais e a impor-lhes uma lei de auxílio às ditas colectividades; quer uns quer outros são senhores e autores voluntários de disporem de seus apetites como melhor entenderem. Dirigentes, para governarem tais colectividades, não há. Pobreza e desolação corróem o cavername apodrecido do que resta.

E, como não nos é possível remediar, só por por nós, o mal que contamina as nossas bandas civís, é oportuno perguntar: Podem subsistir as nossas Sociedades Filarmónicas? Não!

E não, porque os factos e os números são imperiosos e demonstram a inanidade dos esforços da meia duzia de carolas que anda por este mundo de Cristo a mendigar misericórdia para uma obra cultural, recreativa, artística e espiritual, que os nossos antepassados fundaram com tanto amor e carinho.

No entanto... com um pouco de vontade de muitos, algo se poderá fazer no interesse colectivo da grei, que felizmente ainda pesa nos valores de civilização do nosso bom povo.

Pedro de Freitas

União Nacional

A nova comissão Concelhia da U. N., de Vila Real de Santo António, ficou constituída pelos srs. dr. Francisco Dias Cavaco, presidente; dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, vice-presidente; Francisco Joaquim Caldeira Alexandre, Manuel da Costa Cardoso e Henrique António de Brito Pereira, vogais, e Virgílio Antunes Lança, suplente.

Depois de remodelada, ficou assim constituída a comissão concelhia de Castro Marim: srs. dr. José Afonso Gomes, presidente; Manuel Anastácio Josefa, vice-presidente; Manuel Nogueira Faísca, José Teotónio Germano Lopes e José Gomes Luís, vogais, e António Manuel Rufino, suplente.

★★★★★★★★★★★★
Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
★★★★★★★★★★★★

DESPORTOS

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

III Divisão

«O Elvas», 1 — Lusitano, 1

Pelo facto de «O Elvas» ter o seu campo interditado, o jogo «O Elvas-Lusitano» realizou-se em Campo Maior.

Os campomaiorenses receberam os algarvios com grande alegria, acarinhando-os durante todo o jogo, com efusivo entusiasmo. Os «encarnados», encontrando ambiente propício, encheram-se de brios e realizaram o seu melhor jogo «fora», desta época.

O Lusitano só não ganhou por manifesta falta de sorte. Quando, aos 28 minutos de jogo, Parra marcou o 1.º golo da partida, já há muito que a sua equipa o merecia. O domínio territorial dos algarvios durante o 1.º tempo foi flagrante, e o resultado em golos fica muito aquém, como tradução do jogo.

No 2.º tempo, as «coisas» complicaram-se um pouco para os «lusitanistas», mas mesmo assim podiam ter regressado vitoriosos, se perto do final um potente «tiro» de Ramires não tivesse encontrado a madeira da balisa.

Os elvenses, enveredando pelo jogo ríspido, acabaram por desorientar-se. Quiseram até abandonar o terreno, quando o árbitro deu ordem de expulsão a dois componentes da sua equipa, por jogo violento.

No Lusitano, todos cumpriram, conquistando um belíssimo resultado para final de época, tendo merecido amplamente o 2.º lugar da classificação, que averbou.

O sr. Jacques Matias conduziu com personalidade um jogo que queria tomar características muito feias.

Não podemos deixar de frisar a atitude de Oliveira, capitão do onze elvense, indo, no final do jogo, felicitar os algarvios pela sua exibição. Também queremos realçar o gesto desportivo dos campomaiorenses para com os nossos comprovincianos. Os seus aplausos e incitamentos calaram bem no coração dos nossos atletas, dando-lhes ânimo para uma réplica valorosa à equipa elvense, e acabaram por transportá-los aos ombros, para os balneários. Quando a caravana vilarrealense, na sua camioneta privativa, abandonou o parque de jogos, alas de povo numa extensão grande alinhavam-se na estrada, para melhor a vitoriarem. Momento inesquecível para todos aqueles que tiveram a dita de o presenciar. Obrigado, Campo Maior, pelo vosso magnífico gesto.

Como ponto final a esta jornada gloriosa, estranhamos não termos descortinado, na Imprensa desportiva, qualquer frase alusiva ao gesto desassombrado e simpático dos campomaiorenses.

Juniores

Olhanense, 0 — Sporting, 0

Jogo disputado com garra, em que os jovens olhanenses não tiveram talento para matar o velhíssimo «carneiro».

COLUMBOFILIA

Concurso de Castelo Branco

No passado domingo, foi levado a efeito pelo Grupo Columbófilo Guadiana o concurso de Castelo Branco, com o seguinte resultado:

Total 291 kms., média 1.267 m/m.

Marcelino da Silva, 1.º e 6.º; dr. Manuel P. F. Vargas, 2.º, 3.º, 9.º e 12.º; António Vicente, 4.º, 5.º e 15.º; José M. Ferramacho, 7.º; Guilherme Reis, 8.º; Manuel Custódio, 10.º; António J. P. Leal, 11.º; João A. Alexandre, 14.º.

Classificação geral — 1.º dr. Manuel P. F. Vargas, 196 pontos; 2.º António Vicente, 160 p.; 3.º André Roque, 100 p.; 4.º António J. P. Leal, 97 p.; 5.º António J. Caixinha, 67 p.; 6.º Manuel Custódio, 67 p.; 7.º Marcelino da Silva, 67 p.; 8.º José A. Carmo Oeiras, 40 p.; 9.º Caetano Guimarães, 35 p.; 10.º José M. Ferramacho, 33 p..

TIRO AOS PRATOS

Torneio em Loulé

LOULÉ — A favor da Associação de Assistência à Mendicidade, realiza-se em 9 de Junho, no Parque Municipal, um torneio de tiro aos pratos, que, pelo interesse que está a despertar, deve reunir grande número de amadores deste desporto, tanto mais que a finalidade da prova tem um objectivo humanitário.

Joaquim Ribeiro
Importador de Frutos, Mariscos e Peixe Fresco
(Gambas de importação)
Vila Real de Santo António

Entrevista oportuna

O "OLHANENSE" - 1958

será o que os seus adeptos quiserem que seja...

— palavras do sr. Lourenço Mendonça

POR Olhão vai grande azáfama.

Dir-se-ia que esta nova direcção deitou abaixo todo o historial do Clube, para arejar, para o catalogar, pondo-o em ordem alfabética, ao alcance de qualquer consulta, de qualquer pretensão.

De há muito esta «revolução» era essencial, para cortar a vista ao panorama de «Torre do Tombo», olhando-se em sentido retrospectivo, sem nada mais lobrigar que milhões de escudos «queimados» no auto de fé dos anseios da I Divisão.

Hoje, o Olhanense, pelo pensamento da sua nova-velha direcção, pensa de modo diferente e inerente aos seus 45 anos, com cabelos brancos e ponderação.

Foi sobre este assunto que abordámos o sr. Lourenço Mendonça, duplo presidente de Olhão e do Olhanense, que, trazido de novo às lides directivas, nos foi dizendo:

—Não pensem que, pelo facto de esta direcção ser composta de homens considerados de teres e haveres, vai resolver por si próprio todos os problemas do Sporting Clube Olhanense. O Olhanense deverá ser aquilo que os seus adeptos pretendam que ele seja, ajudando-o, contribuindo.

— Mas... — íamos nós a objectar.

— Desculpe a intercepção. Isto não quer dizer que não venhamos dispostos a auxiliar o clube, mas auxiliá-lo dentro da medida do possivel.

— Projectos da nova direcção?

— Um Olhanense novo, refundido em moldes conscientes, sem omitir a alma da colectividade — o futebol, ponto que nos está merecendo o melhor cuidado pelo consciente aproveitamento da gente moça local.

— Têm já treinador?

— De momento, não. Consultámos alguns nomes, mas nenhum acedeu ao nosso convite.

— Quais os nomes convidados?

— Buchelli, Biri e Pisa.

— Três treinadores de nomeada...

— Sim. Pretendemos um treinador de prestígio, capaz de fazer escola dentro do Olhanense — um técnico de categoria.

— Pensam na primeira divisão?

— De modo algum. A primeira divisão, de momento, é um sonho impossível ao Algarve. Quanto a mim, penso que o Olhanense, a manter-se na segunda divisão com uma boa equipa, conservando a sua posição de segundo plano, dará tempo ao tempo...

—Palavra, que não o compreendo...

— Dará tempo à obra que pretendemos fomentar, dando bases a um novo clube.

— Então, sempre é certa a obra do café, de que se fala?

— Sim, de momento pensamos num café-sede e, em segunda fase, (se nos auxiliarem, um ginásio-sede, indispensável à preparacão dos futuros atletas. Uma questão de tempo, como lhe disse.

— Obra de vulto?

— Veremos. O tempo o dirá...

— E quanto ao Olhanense de 1958?

— Há apenas três tranferências em agenda — as de Rangel, Simões I e Rosário. Pretendemos, assim, conservar o mesmíssimo Olhanense, com uma orientação cuidada, que o torne eficiente, pois jogadores temos nós para estruturar uma boa equipa.

— Mas não surgirá qualquer transferência «traiçoeira» — dessas inesperadas?

— Não conto com ela. E já que abordamos o assunto, desejo dizer-lhe da minha discordância com o actual sistema. Da maneira como estão sendo feitas as actuais transferências, só prejudicam os clubes que aturadamente trabalham na «forma» dos atletas. Há que rever este aspecto do nosso futebol, a bem do seu progresso.

E a terminar a nossa entrevista, disparámos:

— Posso dizer que o Olhanense tem uma direcção voluntariosa?

— Voluntariosa e animada do melhor propósito de fazer ressurgir o Olhanense, mas não se esqueça de frisar que o Clube será aquilo que os seus adeptos quiserem que ele seja...

A. A. Santos

Pontapés por alto

● *Ultimaram-se as negociações para a transferência de Campos para a Cuf.*

Rescaldo: para o Farense, 150 contos, um jogo no princípio da nova época com a Cuf, com garantia de 30 contos de receita mínima, em Faro, e um jogo entre duas equipas de hóquei em patins, da Cuf, na Alameda João de Deus.

Campos receberá 55 contos de luvas e uma colocação com o ordenado mensal de 1.800$00.

● *Cava, atleta do Olhanense, encontra-se em Lisboa a cumprir o serviço militar.*

● *O Farense convidou Tellechea para treinador.*

● *A direcção do Olhanense pretende instalar a sua sede num prédio da Avenida S. C. Olhanense, fixando nos terrenos anexos um parque de jogos para «basquetebol», «voleibol» e «hóquei em patins».*

● *Realito assinou novo contrato com o Farense, por mais uma época.*

● *Os fundos angariados pela comissão «Pró-campo» do Lusitano F. C. ainda não dão para começar — encontram-se em Esc. 2.739$70.*

● *O Estádio S. Luís, em Faro, vai ser, dentro em breve, beneficiado e ampliado pela Câmara Municipal.*

PESCA

Clube de Amadores de Pesca de Faro

Faro acaba de fundar o seu Clube de Amadores de Pesca, o qual conta já muitos aderentes. Os seus corpos gerentes ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral: — Presidente, José Gregório da Silva; vice-presidente, António Nunes Trindade; secretários, António José do Patrocínio e Victor Bexiga, e vogais: Joaquim Sátiro Alhinho e João Cardoso. *Direcção:* — Presidente, António da Silva Guerreiro; secretário, Celestino Rabeca; tesoureiro, Adriano Cardoso Guerra e vogais: José Eloi Cachola e Carlos Madeira Gomes. *Conselho Fiscal:* — Presidente, João Clara Barreto e vogais: José da Conceição Rodrigues e José Dias Bexiga.

Clube Desportivo "Os Olhanenses"

Do Clube Desportivo «Os Olhanenses» recebemos o n.º 6 do seu interessante boletim mensal, dirigido com muito acerto pelo sr. José Fernandes Lisboa, o qual aborda problemas sobre desportos, de bom interesse para os seus numerosos leitores.

Aproveitamos para felicitar os vencedores do torneio de Ténis de Mesa organizado pelo clube, muito especialmente o vencedor da 1.ª categoria, sr. José Agostinho Queirós nosso conterrâneo e correspondente desportivo em Olhão.

Torneio Popular

Resultados dos jogos disputados no domingo:

Guadiana, 2 - Atlético, 1
Beira Mar, 1 - Hortalense, 0

Jogos agradáveis de seguir, em que a correcção dos jovens atletas foi notória. Às arbitragens classificamo-las com um muito BOM.

Jogos para Amanhã

Atlético - Beira-Mar (às 16 horas) e Celeiro - Hortalense (às 18 horas).

Jogo de homenagem

Realiza-se amanhã, em Faro, um jogo de homenagem ao antigo guarda-redes do S. C. Farense, José Santos, com o prélio Sporting Clube Farense-Misto do Algarve.

Sabemos que para o Misto do Algarve foram convidados os atletas do Lusitano F. C., Padesca e Campos.

Endereçamos as nossas felicitações ao homenageado, desejando uma boa jornada de propaganda futebolística, e confiamos que José Santos irá receber o tributo de ter sabido ser um correcto desportista.

ALBANO BASTOS & IRMÃO, LIMITADA
Fábrica de Serração e Carpintaria Mecânica
Fabricação de pupitres ● Madeiras serradas e aplainadas ● Caixotaria
Telefone 35—AREAL - PAMPILHOSA DO BOTÃO - (Portugal)

Publicações

Banco Português do Atlântico — Recebemos o Boletim Económico e Financeiro n.º 4, o qual, como de costume, insere larga informação sobre economia e finanças. Publica também um artigo sobre Conservas de peixe, da autoria do sr. José António Ferreira Barbosa, do qual respigamos as seguintes passagens:

«*Tenhamos a coragem de afirmar que (depois de termos andado durante anos sucessivos a vender as nossas conservas a preços inferiores aos que seriam justos e possíveis) acabamos talvez por ter cometido o pecado contrário.*

Naturalmente, aqueles que aceitam incondicionalmente e se satisfazem, por espírito de especulação ou resignado conformismo, com as consequências da lei da oferta e da procura, sentir-se-ão absolvidos e até justificados nas suas posições anteriores de oposição a tudo que representasse tentativa e anseio de racionalização nesta matéria.

O estudo atentoda vida da in dústria e comércio de exportação das conservas de peixe conduz à verificação de certos factos e situações sucessivas, aparentemente contraditórias até, mas que se encontram situadas adentro da realidade e na sequência verdadeira das coisas. Vendendo barato de mais, o que é sempre um erro e um mal, obtivemos, indiscutível mas incidentalmente, algumas vantagens de melhor introdução em certos mercados; vendendo caro de mais, arriscar-nos-íamos a comprometer as vantagens adquiridas e todo o futuro.

Não é este, aliás, — o vender caro de mais — o caso actual. Mas, há que considerar uma determinada faceta do problema: houve de facto uma importante valorização das nossas conservas e tratou-se de uma valorização de certo modo anormal e quase súbita. Outra coisa completamente diferente seria se se tratasse de uma valorização gradualmente conduzida e intelihentemente acompanhada dum esforço de propaganda. (Não nos esqueçamos de que, mesmo agora, as conservas de peixe norueguesas são vendidas ainda e preços superiores aos das nossas mais altas cotações).

Como não foi assim, há que usar de toda a prudência e agir por todos os meios no sentido da consolidação».

Assinaturas do Ultramar e do Estrangeiro

Em virtude dos pesados encargos e dificuldades que nos acarretaria uma cobrança pelo correio, pedimos aos nossos estimados assinantes das Províncias Ultramarinas e Estrangeiro a fineza de providenciarem para que sejam liquidadas as suas assinaturas, quer directamente, por cheque ou vale postal, quer encarregando alguma pessoa amiga, residente na Metrópole, de fazer a liquidação. Agradecemos.

O **Jornal do Algarve** vende-se em Lisboa, na Tabac. Mónaco — Rossio.

Cine-Foz

DOMINGO, ***O meu tio Jacinto,*** com Pablito Calvo e António Vico.
(Para maiores de 12 anos).

TERÇA-FEIRA, ***A idade do amor,*** com Marina Vlady, Aldo Fabrizzi e Fernand Gravey.
(Para maiores de 17 anos).

QUINTA-FEIRA, ***O último apache,*** com Burt Lancaster e Jean Peters.
(Para maiores de 12 anos).

Volta a Portugal EM AUTOMÓVEL

Vindos de Lisboa, chegaram a Vila Real de Santo António, na sexta-feira, pelas 6 horas da manhã, depois de atravessarem o Algarve em sentido «oeste-este», os concorrentes da Volta a Portugal em Automóvel, organizada pelo «Clube 100 à hora».

À hora do nosso jornal entrar na máquina, foram disputadas, na estrada da Mata, — que liga Vila Real de Santo António a Monte Gordo— as provas suplementares «Prova de arranque e lançamento», respectivamente, de 200 e 800 metros tendo sido atribuída ao vencedor. sr. Fernando Stock, uma artística e valiosa taça, denominada «Praia de Monte Gordo». oferta da Comissão Municipal de Turismo.

Aos corredores foi oferecido um pequeno almoço, esmeradamente servido, no *Café Império,* sito na Praça Marquês de Pombal, desta vila.

Depois de concluídas as provas complementares. os automobilistas partiram de Monte-Gordo com destino ao Porto, pelas 10 e 30 horas.

Interessa à Viticultura e a toda a Lavoura...

HIPER-COBRE
(KONEPROX)
50 % de COBRE-METAL
Fabricado pela Royal Ducth Salt Industry

O **HIPER-COBRE** é um produto de alta qualidade, preventivo contra o míldio nas vinhas, nos batatais, nos pomares, etc., etc.

O **HIPER-COBRE** não requer mistura de cal e evita o cuidado que dá a preparação da calda bordalesa.

O **HIPER-COBRE** está sempre pronto para ser aplicado logo que seja misturado com água.

O **HIPER-COBRE,** vende-se em pacotes de 300 gramas e em sacos de 25, ficando mais económico cerca de 50 % em relação ao emprego do sulfato de cobre.

O **HIPER-COBRE** distingue-se por uma aderência muito grande às partes das plantas tratadas, não sendo preciso acrescentar agentes dispersivos ou molhantes para fornecer a distribuição uniforme nem agentes de fixação para aumentar a resistência à chuva. Pode ser combinado com a maioria dos insecticidas e dos fungicidas.

REVENDEDORES LOCAIS

Em FARO — João Inácio, A. Mateus e Soc. Provinciana dos P. Horticolas, Lda.
Em OLHÃO — José Fernandes Angelo
Em TAVIRA — José dos Santos Amaro
No concelho de Vila Real de Santo António — Vila Nova de Cacela — José Henrique Gomes

Importador exclusivo:
ERNESTO F. D'OLIVEIRA

LISBOA — Rua dos Sapateiros, 115-1.º — Telefones 22478-22484
PORTO — R. Mouzinho da Silveira, 195-1.º — Telefone 22031

O ensino no Algarve

Lugares vagos

Estão vagos os seguintes lugares das escolas abaixo designadas: Sexo masculino: Olhão, sede do concelho, escola n.º 1 e Pera (Silves); feminino: Alportel, Castro Marim, sede do concelho (1 e 2); Nave (Monchique) e Santo Estêvão (Tavira); mistas: Benfarras (Loulé) e Bias do Sul (Olhão).

Movimento do professorado

Foram colocadas, em comissão, respectivamente, nas escolas da sede do concelho de Vila Real de Santo António e nas de aplicação anexas à Escola do Magistério Primário, de Faro, as professoras do quadro de agregados deste distrito escolar, sr.as D. Iliete Medeiros Salvador e D. Marília Ferreira Costa.

— Foi exonerada, a seu pedido, a professora do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, sr.ª D. Maria Irene da Palma.

Educação de Adultos

Foram nomeados os seguintes regentes dos cursos de educação de adultos, para as escolas regimentais abaixo indicadas: Batalhão de Caçadores 4, Lagos: srs. Alberto Correia, 2.º sargento; António de Jesus Sena e Eduardo Tomás Madeira, furriéis; Regimento de Infantaria n.º 4, Faro: sr. Tito José Mendes de Vasconcelos, 1.º cabo-miliciano.

Funcionalismo público

O sr. dr. Eduardo de Barros Lopes, juiz de Direito servindo como ajudante do procurador da República no círculo judicial de Faro, foi nomeado para idêntico lugar em Coimbra.

— O sr. dr. João Trigueiros de Brito Pinção, conservador dos Registos Civil e Predial em Portel, foi transferido para o lugar de conservador do Registo Predial em Olhão.

— Está aberto concurso para o provimento do lugar de escriturário de 2.ª classe da Câmara Municipal de Silves.

— O sr. dr. Fernando Maria Pimentel Lopes de Melo, delegado do procurador da República, servindo no Tribunal de Polícia da comarca do Porto, foi promovido a juiz de 3.ª classe e colocado como ajudante do procurador da República, no círculo judicial de Faro.

Necrologia

Eduardo Fernandes Fonseca

Faleceu nesta vila o sr. Eduardo Fernandes Fonseca, de 17 anos, filho do sr. Silvério da Conceição Fonseca e da sr.ª D. Esperança Fernandes. O falecido era irmão do sr. Silvério Fernandes Fonseca, cumprindo serviço militar em Estremoz, e da sr.ª D. Esperança Fernandes Fonseca.

Emílio Gomes Ferreira

Faleceu, também, nesta vila o sr. Emílio Gomes Ferreira, de 21 anos, filho do sr. Basílio dos Santos Ferreira e da sr.ª D. Francisca Gomes Néné, e irmão dos srs. José António e Manuel Gomes dos Santos e da menina Leonor Gomes Néné.

Funerais a cargo da Agência Viegas.

Também faleceu:

Em VILA NOVA DE CACELA, o sr. Domingos da Rosa, de 75 anos. O falecido deixa viuva a sr.ª D. Beatriz Romão da Rosa, e era pai dos srs. António Romão da Rosa, caixeiro viajante, e Armando Romão da Rosa, empregado no Posto Agrário de Tavira, e da sr.ª D. Ilda Romão da Rosa Castanho Soares.

Às famílias enlutadas, os nossos sentidos pêsames.

UMA CONFERÊNCIA
SOBRE O POETA
ANTÓNIO SARDINHA
NA SOCIEDADE ORFEÓNICA DE TAVIRA

Está despertando grande interesse a conferência, subordinada ao tema «O Poeta António Sardinha», que o sr. dr. Jaime Bento da Silva profere hoje, em Tavira, pelas 22 horas, numa das salas da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro.

Agradecemos o amável convite que nos foi enviado e felicitamos a direcção daquela colectividade pelo ciclo de conferências que está promovendo, com geral satisfação da sua massa associativa.

TALVEZ não saiba...

◆ *Que em 1955 havia no Algarve 562 estabelecimentos de ensino oficial, com 30.526 alunos e 34 estabelecimentos de ensino particular, com 14.158 alunos.*

◆ *Que no distrito de Faro há apenas 16 cantinas escolares, das quais funcionaram 14, em 1955, beneficiando 1.270 alunos, tendo de receita 156 contos, e de despesa 110.*

◆ *Que, há setenta anos, ignorava-se inteiramente que as doenças infecciosas são devidas a parasitas vivos; e que a bacteriologia não existe há mais tempo do que o da duração de uma vida humana.*

◆ *Que há tempo, nos Estados Unidos, um cidadão com a mania de despertar a atenção mandou pintar o seu automovel de azul e vermelho; e que, ao tentar o primeiro passeio, foi preso pela polícia sob a alegação de violar as disposições sobre o uso das cores nacionais norte-americanas.*

◆ *Que o espiritismo não é coisa nova, pois já figurava entre as ciências ocultas praticadas pelos romanos e outros povos antigos.*

◆ *Que o número total dos faróis para orientar a navegação marítima, em toda a terra, regula por cerca de 3.350.*

◆ *Que em 1823 se propuseram explorar o teatro de S. Carlos José Manuel Barão, desde que o deixassem estabelecer jogos de bilhar e banca no teatro, e Estêvão Barberis, italiano, mediante o privilégio de introduzir aguardentes de França, livres de direitos.*

◆ *Que o número de receptores de rádio no Algarve era, em 31 de Dezembro de 1955, de 13.089, número este superior aos dos distritos de Beja, Bragança, Castelo Branco, E'vora, Guarda, Portalegre, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.*

CASA
Vende-se (vaga), na Rua Pinheiro Chagas, n.º 42.
Informa-se nesta redacção.

JORNAL do ALGARVE

RECORDANDO

A bengala do Anjos

por ÁLVARO GUERREIRO

ISTO foi há muitos anos, mas sucedeu, de facto. Serão ainda vivos os então rapazes intervenientes na cena que vou referir? Oxalá!

O Anjos, então, porque era uma jóia, nem merecia viver ainda! O seu próprio apelido, se sofresse por qualquer eventualidade a amputação de um «esse», ainda melhor se lhe ajustaria, pois era na verdade um «anjo».

Rapaz cheio de brio e vontade de corresponder aos sacrifícios e desejos da família, estudara, conseguira boas notas, vencendo o Liceu e a Politécnica. Concorreu à Escola do Exército, seu sonho de sempre. A ideia da «bicha» e das estrelinhas no braço, rutilando ao sol, nas tardes de passeio na Avenida da Liberdade, ou Chiado abaixo Chiado acima, sonho desfeito. Surgira o «bico de obra». A bitola decretara: Não pode cruzar os umbrais da Escola. É pequenino. Falta-lhe centímetro e meio! O seu desespero foi enorme! E então, em vez de ir para os campos de Marte, foi lutar pela vida, enfiando pelos Armazéns do Chiado, que, ao lado do Grandela, viviam o período áureo da sua existência. No meio da barafunda da clientela a deslocar-se incessantemente de umas para outras secções, subindo e descendo as escadas de ligação, tantas vezes lá andei, e nunca descobri o que era fatal existir ali: os escritórios. Pois o nosso amigo Anjos (e eu era bem seu amigo) encontrou-os e, metendo-se lá, dentro em pouco era um funcionário categorizado e querido de todos os colegas. Contudo, o seu desgosto persistia; aquele centímetro e meio a menos era um reposteiro fantástico que lhe vedava o futuro, uma cortina negra que repentinamente lhe empanava a alegria de uns minutos de distracção, não podendo contar um dia inteiro de alegria de viver. Valiam-lhe os amigos, dando-lhe esperanças: «Anjos; olhe que pode crescer até aos 25». Sucedeu até que o seu próprio médico, amigo de sempre, lhe indicou exercícios diários de ginástica, insistindo nas suspensões pelos braços e pelos dentes, estas para a distensão do pescoço; talvez... E o Anjos atirou-se à ginástica, com todo o afinco. Conseguiria o seu desejo?

Entretanto, teve a infelicidade de dizer aos companheiros de trabalho as esperanças que punha nas indicações do velho médico que o vira nascer. Nesta altura, surgiu na mioleira de um colega a patifa ideia que deu origem a esta descrição.

É' mister, porém, antes de prosseguir, lembrar que vivíamos na época da bengala. Era indispensável. Novos ou velhos, todos a usávamos, pois prestava-nos vários e valiosos serviços. Assim, levava amarrada na ponteira uma cartinha a um 1.º andar antigo, esganiçando-se o D. Juan e metendo a Dulcineia, estendida na varanda de sacada, a nívea mãozinha, o roliço braço pela grade de ferro forjado. Fazendo que saltitasse nas pedrinhas da calçada, logo «a mais que tudo», sorridente ou fazendo sinalefas avisando a presença maternal! Servia a bengala, até, para medir as costas de algum rival impertinente; e na velhice, um recurso para o reumatismo, Voltemos à maroteira do colega do Anjos.

Que haveria de lembrar-se? Tirar a ponteira da bengala do Anjos e dar-lhe, diàriamente, uma ou duas raspadelas com a grosa, repondo a ponteira cuidadosamente, de combinação com os outros rapazes, que vigiavam uma possível aparição do Anjos! Estabeleceu-se um plano. Enquanto a operação de raspagem continuava, começaram, uns hoje, amanhã outros, a perguntar muito naturalmente: «Oh, Anjos! Você nunca mais foi à bitola? « Hei-de ir»,—respondia, resignado. «Oh, Anjos? Não estará você mais alto?». Peitaram pessoas amigas, que só viam o diminuto colega de dias a dias, como auxiliares na patifa brincadeira: «Olá, amigo Anjos! Você está com belo aspecto, e, sabe? Parece mais alto...» Anjos parecia picado por um alfinete, mas continha-se, dizendo: «Talvez». Outro vinha: «Oh, Anjos! Você tem ido à bitola? Não tem crescido? «Intensifiquei a ginástica; hei-de ir à bitola para ver...» e um brilho fugitivo animava-lhe o olhar. Até que um dia (dia fatal esse!), Anjos abriu-se com a rapaziada. «Vou amanhã medir-me. Conseguirei ainda entrar na Escola? Custou a convencer-me das impressões que vocês me tem transmitido, bem como outros amigos lá de fora. Mas venho reparando, há tempos para cá, sabem em quê? Tenho de curvar-me a um ou a outro lado, quando me apoio à bengala! Se esta me está agora curta, não será porque cresci, de facto, um tudo-nada? Sim! A bengala era á de meu pai. Madeira seca e mais que seca, portanto...» E o seu rosto mostrava franca alegria. «Terei de os deixar para ir para o Exército?» Os colegas nada responderam, pois com dificuldade sustinham o riso. Houve silêncio trágico! Mas era fatal. Rebentaram, escandalosamente, formidáveis gargalhadas. Anjos ficou atónito, dardejando olhares furiosos... «Falem! Que disparate é este? E que estou louco? Vejam»: Voou ao bengaleiro e, apoiando-se à bengala, parecendo uma miniatura da Torre de Pisa segura por um espeque, interrogou silenciosamete os circunstantes. Repentinamente, acabou a brincadeira. Surgiu a pena, uma sincera mágoa ante tal ilusória esperança! Uma voz tímida, a do operador das raspagens, fez-se ouvir: «Anjos, bom amigo, desculpa, foi uma triste brincadeira minha». E mìmicamente, apontando a bengala, explicava. «Fomos todos», —acudiram os colegas, solidarizando-se. «Perdoa-nos, Anjos!» Num ápice, o Anjos transformou-se num demónio de bengala, e, enquanto esta se não quebrou, zurziu todos eles, que, ante o desespero do pobre companheiro, não pensaram em reagir. Silêncio!

Dias tristíssimos decorreram; via-se só para o trabalho, para nele disfarçar a mágoa daquela boa rapaziada arrependida. Afinal, foi ainda o Anjos, sempre «um Anjo», quem veio estender as mãos aos seus bons amigos, jovens brincalhões, enquanto esboçava um acanhado sorriso semi-giocôndico, *que a falta de um centímetro e meio não consentia fosse mais largo.*

EXAMES DE ALUNOS

externos no Liceu de Faro

Pede-nos o sr. dr. José Ascenso, reitor do Liceu Nacional de Faro, que informemos de que obedecem às seguintes estipulações os exames de alunos externos:

1.º—O prazo para a apresentação dos boletins de inscrição para exames liceais dos alunos externos do 2.º, 5.º e 7.º anos, de transição para o liceal e singulares corre de 1 a 8 de Junho; 2.º— Podem requerer exames os alunos externos matriculados no Liceu e aqueles para quem seja dispensada a matrícula e seja aquele o Liceu que têm mais próximo da sua residência; 3.º—Expirado o prazo a que se refere o n.º 1, a admissão a exame pode ser autorizada pela Reitoria, mediante o pagamento de uma propina suplementar de 100$00, sòmente até 15 de Junho; 4.º—Depois de 15 de Junho, excepcionalmente, e em casos de força maior, poderá o sr. ministro da Educação autorizar a admissão, mediante o pagamento da propina suplementar de 200$00; 5.º—Com o boletim de exame, no qual será colada e inutilizada pelo aluno uma estampilha fiscal de 20$00, serão apresentados os seguintes documentos:

Alunos inscritos: a)—Caderneta escolar devidamente escriturada nos dizeres em que haja referência ao director de ciclo, assinada pelo director do estabelecimento onde lhe foi ministrado o ensino; pelo professor, quando tenha recebido o ensino individual; pela pessoa que o tenha leccionado, quando tenha recebido o ensino doméstico, e averbada a nota de frequência com aproveitamento das actividades da M. P. ou M. P. F. b)—Bilhete de identidade; c)—Folha de frequência do 3.º período.

Alunos não inscritos: a)—Certidão de nascimento; b)—Bilhete de identidade; c)—Certidão de aprovação no exame de admissão, ou no ciclo anterior, quando os exames não tenham sido feitos naquele liceu. d)—Atestado de residência. 6.º—É dispensada a apresentação da certidão de idade, se já se encontrar arquivada naquele liceu.

No acto de entrega dos documentos, pagarão os interessados as seguintes importâncias, como propina de exame: 1.º ciclo (2.º ano) 200$00 2.º ciclo (5.º ano) 250$00 e 3.º ciclo (7.º ano) por cada disciplina 50$00. Quota para a M. P. ou M. P. F. (só devida pelos alunos não inscritos) 20$00.

CASAS
VENDEM-SE DUAS

Ruas Dr. José Guimarães, 38 e Cândido dos Reis, 102.

Informa: Rua Cândido dos Reis, 25 — Vila Real de Santo António.

A INAUGURAÇÃO do serviço diário de automotoras

entre o Algarve e Lisboa

APESAR de a Imprensa diária ter noticiado o facto com merecido relevo, não queremos deixar de fazer referência à inauguração do serviço diário de automotoras entre o Algarve e Lisboa, que começou na passada segunda-feira. Representa este serviço um alto benefício prestado à nossa província, serviço que ficará completado quando se estabelecer carreira inversa e quando possamos saudar-nos no cruzamento dos veículos — os que vão e os que vêm. Dada a boa vontade da direcção da C. P., não nos parece difícil o complemento do serviço agora inaugurado.

À partida da primeira automotora do apeadeiro do Guadiana assistiram muitas pessoas, que manifestaram o seu regozijo. Por todo o percurso, a composição, que transportava cerca de 100 passageiros, foi saudada e na estação das Amoreiras, que serve Odemira, a passagem foi assinalada com foguetes.

O director-geral da C. P. e outros altos funcionários ferroviários e a direcção da Casa do Algarve, recebendo no Barreiro a automotora que inaugurou o serviço Algarve-Lisboa

No Barreiro, aguardavam a automotora, na qual viajavam os presidentes das Câmaras Municipais de Portimão, Odemira, Albufeira, Silves e Vila Real de Santo António, os srs. eng.os Espregueira Mendes, director geral da C. P., Júlio Santos, Bruschy e vários funcionários superiores da C. P., assim como os dirigentes da Casa do Algarve, com os seus presidentes, srs. major Mateus Moreno e dr. Sousa Carrusca e apreciável número de membros da colónia algarvia. Na composição viajavam também os srs. eng. Adriano Baptista, chefe do Serviço do Movimento e dr. Simões Albuquerque, chefe do Serviço do Tráfego. No Barreiro, o sr. Hermenegildo Neves Franco, presidente da Comissão de Turismo da nossa casa regional, ofereceu um ramo de flores ao sr. eng. Espregueira Mendes.

Em Lisboa, a direcção da Casa do Algarve, presidentes das Câmaras e outras individualidades algarvias, apresentaram cumprimentos aos srs. prof. Mário de Figueiredo, presidente do conselho de administração da C. P. e eng. Espregueira Mendes, a quem entregaram mensagens.

À tarde, na Casa do Algarve, foi servido um copo-de-água, em que entraram apenas produtos da nossa província: vinhos, licores e doces, tendo brindado os srs. major Mateus Moreno, Neves Franco, que afirmou que «o dia 20 de Maio de 1957 seria para o calendário regionalista do Algarve o melhor prémio dos nossos trabalhos e canseiras»; engs. Mário Costa, nosso comprovinciano, em nome do concelho de administração da C. P., e Espregueira Mendes e, por último, o sr. José Víctor Adragão, presidente do Município pombalino. Todos focaram a importância que representa para a nossa província o novo serviço ferroviário, fazendo elogiosas e merecidas referências à C. P. e em especial ao sr. eng. Espregueira Mendes.

NOVOS HORÁRIOS

DO CAMINHO DE FERRO

EM consequência de terem sido alterados os horários da linha do Sul e para informação dos leitores, esclarecemos que as partidas de automotoras e comboios de Vila Real de Santo António - Guadiana são às horas seguintes: 6,15 (para Lisboa); 7; 9; 11; 13 e 13; 16; 16 e 14 (da estação); 18; 18 e 15 (da estação) e 22 horas (para Lisboa). Excepto a automotora das 6 e 15, o comboio das 16 e 14 e o correio das 22 horas, todas as automotoras e o comboio das 18 e 15 seguem ou dão ligação para Lagos.

BARDAHL

TAXI

Epifânio Soares Correia cumprimenta e comunica aos seus amigos e clientes que tem à sua disposição, na praça de «táxis» de Vila Real de Santo António, um carro «Mercedes Benz», para serviço permanente de aluguer, tanto para o País como para o estrangeiro. Informo, também, que o motorista ao meu serviço é o sr. António dos Santos (Real).

Praça Marquês de Pombal — Vila Real de Santo António — Telef. 10.

FESTAS

DA SENHORA DA PIEDADE, EM LOULÉ

AS festas de Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Loulé, às quais já nos referimos, foram abrilhantadas pelas filarmónicas União Marçal Pacheco e Artistas de Minerva, dirigidas, respectivamente, pelo 1.º sargento-músico de Infantaria 16, sr. Mariano Guerreiro Domingues e 1.º sargento-músico, reformado da Armada, sr. Virgílio de Sousa Viegas. Ambas se houveram com o brilho que sempre as distinguiu.

Leia o ***JORNAL DO ALGARVE*** *e saberá o que se passa no Algarve*

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Longe um do outro, as saudades
Dão-nos igual padecer,
Pois quanto mais as matamos,
Mais ficam para morrer!

Albano Lopes de Almeida

Etiqueta social

Se, em casa, costuma molhar o pão no molho para comê-lo assim, jamais cometa essa incorrecção em público, principalmente num restaurante ou jantar de cerimónia. Na realidade, ficaria muito bem deixar de lado esse costume, na própria mesa familiar, em favor da correcção e das boas maneiras.

* * *

A apresentação dos pratos, numa mesa, é quase tão importante como a boa preparação dos alimentos. Uma marca ou mancha de um dedo numa travessa ou num prato é tão imperdoável como um talher sujo. Não se deve deixar juntar água no fundo de um prato.

Também na cozinha se pode ser artista

Filetes de peixe com molho de amêijoas — Cortem-se filetes grossos de pescada ou tamboril, temperando com sal, pimenta, sumo de limão e reguem-se com algumas colheradas de leite.

Passada uma hora, passam-se por farinha de trigo, depois por ovo batido e disponham-se em prato que possa ir ao forno e à mesa, bem untado com manteiga; distribuam-se igualmente entre eles alguns bocadinhos de manteiga e a marinada em que estiveram, levando ao forno em seguida para aí cozerem.

Entretanto, prepara-se um molho de amêijoas, pondo primeiramente estas a abrir dentro dum tacho sobre o lume, prèviamente lavadas e libertas de areia. Vão-se retirando à medida que vão abrindo e, quando estiverem todas abertas, retiram-se das cascas, tirando a cada uma o *saquinho* de areia que por vezes trazem. Coa-se em seguida a água que largaram, por um pano fininho e leva-se ao lume juntamente com uma colher de farinha, bem cheia, para cada meio litro de água, mais uma colher das de sopa de manteiga e sumo de limão. Deve mexer-se sempre, para não pegar nem fazer grumos e quando estiver um pouco grosso e a farinha cozida, juntam-se-lhe as amêijoas e retira-se imediatamente do lume. Serve-se em molheira à parte ou sobre o peixe.

Boas maneiras

Quando se está à mesa, deve-se estar com respeito, mas, ao mesmo tempo, com naturalidade. Quando se bebe, deve-se fazê-lo sem ruídos e ter o cuidado de se limpar a boca antes, para que o copo não fique todo besuntado, o que é feio e denota má educação.

As pessoas bem educadas não penduram ao pescoço o guardanapo; desdobram-no, simplesmente, e assentam-no sobre os joelhos.

Ditos e sentenças

Quanto menos pensamos em nós, menos desgraçados somos.— *C. Diane.*

* * *

Há ocasiões em que uma negativa delicada é preferível a uma afirmação incorrecta.

O doce nunca amargou

Biscoitos de manteiga — São muito bons os biscoitos de manteiga, que se fazem da seguinte maneira:

Meio quilo de farinha, meio quilo de açúcar, meio quilo de manteiga, 4 ovos, sal e casca de limão. Junta-se bem tudo, menos a manteiga que se derrete e misura só no fim; amassa-se bem et mete-se no forno em forma untada com manteiga; corta-se quando quase frio.

Receita para conservar a juventude

O melhor meio de um rapaz conservar a juventude consiste em se recolher todos os dias muito cedo à cama, para esperar calmamente a velhice.

A velhice é como essas damas indesejáveis e intrometidas, que comparecem a todas as festas onde não foram convidadas, mas que não aparecem quando são esperadas.

É um erro pensar que a velhice gosta da tranquilidade. Se ela não se agita nem se movimenta, não é porque lhe falte vontade, mas sim porque as pernas não ajudam.

Assim, um jovem que resolva levar uma vida metódica, deixando de ir ao futebol, evitando os bailes e as noitadas alegres, conseguirá retardar, por certo, a chegada da velhice.

Mas, uma questão muito importante se levanta nesta altura, exigindo uma resposta imediata: — Merecerá o qualificativo de moço um mancebo que não se diverte? Será realmente moço um adolescente que leva vida de velho?

E valerá a pena passar uma existência inteira dessa forma, para conservar uma mocidade inexistente e afastar uma velhice inevitável?

Tudo isso é desconcertante, mas também profundamente verdadeiro... E não se pode fugir a esta conclusão: o rapaz que quiser prolongar a mocidade deve levar uma vida de ancião. E quando chegar à velhice, então ficará revoltado consigo mesmo, por não ter aproveitado a mocidade, que não volta mais.

—

Plínio, o Moço, morreu velho, ao contrário de Plínio, o Velho, que morreu moço.

A TODO O ALGARVE

PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL participa a inauguração do alargamento das suas instalações, óptimos quartos com águas correntes, e camas como as dos melhores hotéis.

*Rossio 59-2.º e 3.º Esq. — **LISBOA** — Telefone 22511*

Com a sua filial **Pensão Estrela dos Anjos** (1.ª classe)

Serviço de restaurante recentemente inaugurado, a preços acessíveis.

*R. dos Anjos, 70 — Telefone 41379 — **LISBOA** (Junto ao Ginásio)*

Sirvam-se V. Ex.as colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

Centro Comercial de Combustíveis, Lda. — **Vila Real de Santo António**
Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda. — **Faro**
Ernesto Duarte — **Vila Real de Santo António**
José Pedro Ladeira, Lda. — **Olhão**
M. Rodrigues Pereira — **Olhão**
Pilotos & Capa — **Vila Real de Santo António**
Ramirez, Perez, Cumbrera & C.ª — **Vila Real de Santo António**
Raul Folque & Filhos, Lda. — **Vila Real de Santo António**
Soliva - Sociedade de Litografia e Vazio — **Vila Real de Santo António**
Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.meo — **Vila Real de Santo António**
V.ª Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª — **Vila Real de Santo António**

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.